

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Programa de Pós-graduação em Administração

Mestrado

Índira Barreto Trindade

**O SENTIDO DO TRABALHO:
os trabalhadores da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e
Material Reaproveitável de Belo Horizonte/MG – ASMARE**

Belo Horizonte
2017

Indira Barreto Trindade

O SENTIDO DO TRABALHO:
os trabalhadores da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e
Material Reaproveitável de Belo Horizonte/MG – ASMARE

Dissertação Apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Antunes Lima

Linha de Pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações

Área de Concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte
2017

(Ata da defesa)

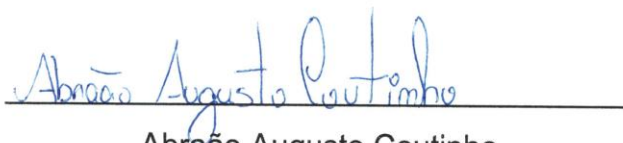
DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS

Declaro ter procedido à revisão da Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração, de autoria de Indira Barreto Trindade, área de concentração “Organização e Estratégia”, linha de pesquisa “Relações de poder e dinâmica das organizações”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Antunes Lima, intitulada “O sentido do trabalho: os trabalhadores da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte/MG – ASMARE”.

Dados da revisão:

- Gramática
- Ortografia
- Redação
- Abstract

Belo Horizonte, 18 de outubro de 2017.



Abraão Augusto Coutinho

Graduado em Letras Português/Inglês (PUC Minas)

Para minha família, meu bem maior, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por me permitir chegar até aqui e por toda a força concedida para concretizar este sonho. Agradeço a Ele por me conceder sabedoria, discernimento, força e coragem nesta caminhada. Agradeço por todas as pessoas que passaram em meu caminho e que estão aqui citadas, todas muitíssimo especiais.

Aos meus pais, que, com tanto amor, oração, palavras de conforto e incentivo, me deram força e me motivaram a seguir. A vocês, minha eterna gratidão, admiração, respeito e amor.

Aos meus irmãos, Denis e Nayhara, e à minha sobrinha Luiza, sempre ao meu lado. Obrigada pela parceria, carinho e estímulos. Com vocês por perto tudo se torna mais leve. Amo vocês.

À professora Beth Antunes, minha orientadora, pela generosidade em compartilhar tantos ensinamentos. Muito mais que orientar, me acolheu, ajudou, apoiou e incentivou. Gratidão pela paciência, dedicação, disponibilidade e impecável condução do nosso trabalho. A você, o meu carinho, respeito e o meu MUITO OBRIGADA.

Aos catadores da ASMARE, pela disponibilidade em participar da entrevista, por compartilharem suas experiências e por me oportunizarem desenvolver um olhar diferente diante do trabalho. Vocês foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Ao Professor Antônio Luís, pelo acolhimento, ensinamentos, olhar carinhoso e motivador. Ao senhor, verdadeiro Mestre, todo o meu respeito e admiração.

Ao Professor Luiz Honório, por sua disponibilidade e disposição em ajudar. Pelas ricas e prazerosas discussões em sala de aula. Por todas as críticas e contribuições

que fez ao trabalho. Cada comentário seu foi valioso e colaborou significativamente para o meu processo de formação.

Ao Sandro, amigo querido. Obrigada pelas prosas e conselhos, por ouvir meus desabafos, enxugar minhas lágrimas, por me encorajar e me incentivar a seguir adiante. Você é muito especial em minha vida.

Ao Waldeir, amigo irmão. Agradeço a Deus por nossa amizade, por sua imensa generosidade e disponibilidade. Perdi a conta das vezes que me ofereceu o ombro, das palavras de conforto e puxões de orelha. Saiba que tens uma parcela enorme nesta conquista. A você, meu mais profundo e sincero muito obrigada. Você é um ser de luz.

Às queridas Tainã, Isabel e Magda. A amizade de vocês foi um dos grandes presentes deste mestrado. Vocês são especiais e seguirão comigo.

À equipe da secretaria, que ofereceu total apoio durante estes dois anos. Obrigada pelo carinho e disponibilidade em ajudar-me nos assuntos burocráticos da instituição.

“Oh senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”.

João Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a estudar o sentido do trabalho para os catadores de material reciclável da ASMARE (Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reciclável), situada na cidade de Belo Horizonte/MG. Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza descritiva, que adotou como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com oito catadores, entre mulheres e homens, que atuam nos dois galpões da associação. O processo foi organizado em três etapas: pesquisa documental; entrevistas; organização e análise dos dados. O estudo manteve diálogo permanente com teóricos que estudam o trabalho humano, sua centralidade e o sua função psicológica. Os resultados apontaram que, embora realizada em condições adversas, a atividade do catador não se reduz à luta contra o sofrimento, podendo ser percebida também como fonte permanente de recriação e de novas formas de viver. Por meio deste estudo, procurou-se dar maior visibilidade ao catador e à sua relação com seu trabalho, e os resultados mostraram que, apesar de sua pouca valorização social, para além da garantia da sobrevivência, essa atividade pode ser fonte de reconhecimento e de identidade, permitindo a emergência de novas perspectivas de vida e a projeção de um futuro melhor.

Palavras-chave: Trabalho. Identidade. Sentido do trabalho.

ABSTRACT

This research aims to study the meaning of work for recyclable garbage collectors from ASMARE (Association of Paper, Cardboard and Recyclable Material Collectors), located in the city of Belo Horizonte/MG. It is a qualitative study with a descriptive nature that adopted as an instrument of data collection the semi-structured interview conducted with eight pickers between women and men who work in the two warehouses of the association. The research process was organized in three stages: documentary research; interviews; organization and data analysis. The study maintained permanent dialogue with theorists who study human work, its centrality and its psychological function. The results pointed out that, although carried out in adverse conditions, the activity of garbage collector is not just about the fight against suffering, since it can also be perceived as a permanent source of recreation and new ways of living. Through this study, the aim was to increase the visibility of the garbage collector and his/her relationship with work, and the results showed that, in spite of the low social value of the activity, beyond the guarantee of survival, it can be a source of recognition and identity, allowing the emergence of new life perspectives and the projection of a better future.

Keywords: Work. Identity. Meaning of work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- Galpão da ASMARE	49
FIGURA 2	- Armazenagem dos materiais recicláveis	53
QUADRO 1	- Perfil dos entrevistados	56
QUADRO 2	- Categorias e subcategorias do conteúdo das entrevistas	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASMARE	- Associação dos Catadores de Papel, papelão e Material Reciclável
ANPAD	- Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração
ENANPAD	- Encontro da Associação dos Programas de Pós-graduação em Administração
SciELO	- Scientific Electronic Library Online
SPELL	- Scientific Periodicals Electronic Library
MNCR	- Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável
CBO	- Classificação Brasileira de Ocupação
PBH	- Prefeitura de Belo Horizonte
OCDE	- Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OIT	- Organização Internacional do Trabalho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Problemática da pesquisa	15
1.2	Objetivo geral	19
1.3	Objetivos específicos	20
1.4	Justificativa	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1.	Centralidade do trabalho na sociedade contemporânea	22
2.2	A função psicológica do trabalho	28
2.3	Trabalho e identidade	31
2.4	Precarização do trabalho e desemprego	35
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	42
3.1	Tipo, abordagem e método de pesquisa	42
3.2	Unidade de análise e sujeitos da pesquisa	42
3.3	Técnica de coleta de dados	43
3.4	Técnica de análise de dados	44
4	AMBIÊNCIA DO ESTUDO	45
4.1	Caracterização geral da ASMARE	45
4.2	Organização interna de trabalho	50
4.2.1	O setor de triagem	51
4.2.2	Setor administrativo	53
4.2.3	Desdobramento do processo produtivo	54
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	56
5.1	Centralidade do trabalho	57
5.2	A função psicológica do trabalho	60
5.3	Trabalho e identidade	63
5.4	A precarização do trabalho	67
5.5	O sentido do trabalho para Dona G.	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

Falar a respeito do trabalho na sociedade capitalista contemporânea é algo complexo, isso porque o trabalho, geralmente, é considerado mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas, sendo visto como uma das principais dimensões da vida humana, intervindo não apenas na inserção do homem na sociedade, mas no próprio processo de hominização (ENGELS, 2000; LEITE; FERREIRA; MENDES, 2009; SILVA, 2011; DUARTE; MENDES, 2015; ORÇO; CONRADO; IOP, 2016). Portanto, no seu sentido genérico, o ato de trabalhar não pode ser percebido apenas como um meio pelo qual se garante a subsistência, pois é uma forma de existir na sociedade.

Nesse sentido, o trabalho não pode representar apenas uma fonte de riqueza nem servir de base somente para análises relacionadas à exploração capitalista, à luta de classes, à ideologia ou à alienação. Ele constitui uma necessidade inerente ao ser humano, representando um caminho pelo qual o ser social interage com a natureza, a transforma e sofre transformações (MARX, 1985).

Segundo Leite, Ferreira e Mendes (2009), essa atividade ocupa um lugar central na vida dos indivíduos, representando uma possibilidade de realização, de obtenção de reconhecimento e de construção da identidade. Além disso, o trabalho tem um forte significado nas relações sociais, visto que, por meio dele, o indivíduo pode se sentir capaz, realizado, valorizado, reconhecido e útil para a sua própria existência e de outras pessoas (DUARTE; MENDES, 2015). Trata-se, portanto, de uma concepção diferente que foge à visão, às vezes expressa, que o associa apenas ao esforço, ao sofrimento e à penosidade.

No entanto, não se deve negligenciar o fato de que o trabalho pode ser fonte de sofrimento, quando aquele que o realiza se sente impossibilitado de concretizar plenamente suas potencialidades, tendo de se submeter a regras rígidas, em um espaço limitado em termos de criatividade e iniciativa. Nesse caso, a atividade profissional adquire um caráter negativo e potencialmente adoecedor para a vida do indivíduo (LIMA JUNIOR; CASTANHA, 2011).

Assim, é necessário que as pessoas atribuam sentido às suas atividades, pois é isso que irá permitir que se reconheçam de fato naquilo que realizam, admitindo sua contribuição para o patrimônio sociocultural. Daí, a importância que os sentidos atribuídos ao trabalho têm na vida das pessoas (ORÇO; CONRADO; IOP, 2016).

Antunes (2003) vai nessa direção ao afirmar que, para existir uma vida repleta de sentido fora do trabalho, é indispensável uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Assim sendo, de acordo com o autor, uma atividade profissional desprovida de sentido é incompatível com uma vida cheia de sentido.

Já Clot (2006) entende que o sentido do trabalho ocorre entre a atividade e a subjetividade do indivíduo. Para ele, subjetividade e atividade não podem ser vistas de forma separada, pois ao mesmo tempo em que o indivíduo intervém no mundo, ele constrói e reconstrói esse mundo enquanto se autoconstrói. É por meio das atividades que realizam que os homens imprimem sentidos ao mundo e apropriam-se dos modos de fazer e dos significados expressos nas relações sociais no seio das quais as desenvolvem.

Do ponto de vista teórico-metodológico, ao propor a Clínica da Atividade enquanto especialidade do campo da Psicologia do Trabalho, Clot (2006) preconiza uma forma de intervenção na qual a interpretação da situação de trabalho é feita junto com os trabalhadores, ou seja, ele não coloca o trabalhador como o observado, mas sim como observador da sua própria atividade.

Nesse sentido, a Clínica da Atividade concebe a ideia fundamental de que é vital para o indivíduo não se resignar com as condições dadas de trabalho, mas buscar transformá-las, dando a elas uma forma pessoal. Em outros termos, ainda que a forma de trabalho seja prescrita, os indivíduos adquirem uma maneira própria de desempenhá-lo, forjando um sentido próprio para si (CLOT, 2006).

A Clínica da Atividade propõe uma forma de intervenção por meio da qual os trabalhadores reinterpretam e devolvem a interpretação a respeito do trabalho que fazem para si mesmos e para os outros que compartilham o que fazem. Ela visa

essencialmente o desenvolvimento do pensamento e da atividade dos trabalhadores por eles mesmos (CLOT, 2006).

Ademais, para Clot (2006, p. 80), o trabalho possui uma função psicológica para o indivíduo, pelo patrimônio que ele “fixa e na atividade para a conservação e renovação desse patrimônio”. A função psicológica do trabalho é vital: simultaneamente, atividade de conservação e de transmissão e atividade de invenção e de renovação. O indivíduo, por sua vez, se percebe, por meio de sua atividade, “no interior da divisão de trabalho simultaneamente como sujeito e como objeto dessa conservação e invenção” (CLOT, 2006, p. 80).

Em suma, de acordo com Orço, Conrado e Iop (2016), o trabalho é fonte de vida e faz parte da condição humana. Ele permite a muitos se sentirem como membros efetivos da sociedade, percebendo-se como dignos por terem a oportunidade de dar sua contribuição. Contudo, nada disso impede que algumas atividades sejam objeto de discriminação, levando aqueles que as realizam a se sentirem excluídos (ORÇO; CONRADO; IOP, 2016). É o que pretendemos expor neste estudo a respeito do trabalho dos catadores de materiais recicláveis.

1.1 Problemática da pesquisa

Como vimos, por meio do trabalho, o ser humano não permanece o mesmo, porque modifica a percepção do mundo e de si próprio. Contudo, quando esse trabalho é visto como inferiorizado, precário, exaustivo, permeado por preconceitos e de baixa remuneração, deve-se interrogar sobre o sentido que ele possui para quem o exerce. Essa realidade é passível de ser experimentada em diferentes ocupações e profissões, todavia, há aquelas que possuem particularidades importantes, quando se pensa no sentido que possuem na sociedade, assim como na sua valorização (ARANHA; MARTINS, 2007).

A ideia de preconceito em relação às pessoas que trabalham com materiais reaproveitáveis, seja na sua captação ou separação, ainda é observada, embora essa realidade venha sendo modificada, uma vez que, nos últimos anos, a concentração populacional e o processo de industrialização aumentaram a

quantidade de lixo. Este, até há algum tempo, era considerado como inaproveitável, sendo composto por restos de alimentos, cascas e sobras de vegetais e, ainda, papéis, materiais como o vidro, o plástico, o isopor, a borracha, o alumínio, entre outros, de difícil decomposição. Com o passar do tempo, percebeu-se que materiais como papel, papelão, vidro, plástico, borracha, alumínio, entre outros, poderiam ser reaproveitáveis, e uma nova concepção de reaproveitamento de material foi estabelecida na sociedade contemporânea. Atrelado e concomitante a isso, começou a se desenvolver uma mentalidade sustentável com relação ao descarte e ao destino final do lixo (STOLZ, 2008).

Essa nova ideia do que é lixo, somada ao desemprego, à precarização das relações de trabalho e ao empobrecimento da população, levou muitas pessoas a procurarem seu sustento por meio do recolhimento de materiais recicláveis (STOLZ, 2008). A força de trabalho dos catadores surgiu no início do século XX, no Brasil, mas ganhou impulso a partir da segunda metade da década de 1980, quando já se observava um perfil social marcado pelo preconceito e pela baixa qualificação profissional (JUNCÁ, 2004).

Trata-se de um trabalho no qual o cotidiano é permeado por exploração, estigmatização e discriminação. Isso porque o lixo propriamente dito remete à ideia de sujeira, de rejeito e, por isso, gera uma sensação de repulsa nas pessoas. Devido a isso, aqueles que lidam com o “lixo” passaram, sob a lógica das sociedades modernas, a sofrer desprezo e até mesmo a serem considerados “dispensáveis” (ZANETI, 2006).

Provocada pelo próprio sistema capitalista, a exclusão social em que se encontram muitos seres humanos tem levado à formação, no mundo todo, de um grande contingente de pessoas que trabalham e vivem com recursos provenientes de resíduo urbano, ou seja, lixo ou materiais reaproveitáveis (MAGERA, 2003).

Desempregados, “biscateiros”, ambulantes, catadores de lixo, moradores das ruas, dos albergues, de cortiços e favelas, analfabetos, semianalfabetos ou excluídos do mercado formal são os que mais visivelmente são atingidos pela forma excludente e segregacionista, como crescentemente vêm sendo organizadas as cidades

(GONÇALVES, 2004). Assim, “coletar lixo” (material reciclável/reaproveitável) acaba sendo uma alternativa encontrada por alguns desses excluídos, pois, como não possuem a qualificação exigida pelo mercado formal, veem nessa atividade uma estratégia de sobrevivência. Em suma, ainda que seja uma forma de trabalho vista como degradante pela sociedade, os “catadores de materiais recicláveis” fazem do lixo uma forma de obter renda para o próprio sustento (FERREIRA; ANJOS, 2001), embora o sentido dessa atividade possa ir além da mera sobrevivência.

Assim, o trabalho do catador é estereotipado em razão de sua característica essencial, ou seja, lidar com o que é indesejável e rejeitado pela sociedade. O estigma promove uma discriminação quase “natural”¹ e possibilita categorizações a partir da deformidade física e separação por tribos. De forma impensada e involuntária, reproduz-se o preconceito, cria-se algo para explicar ou justificar a inferioridade do outro. Tudo isso gera conflitos, no contexto que estudamos, pois, o catador é percebido como sujeito perigoso, como um risco social (BASTOS, 2008).

Apesar de tudo parecer contrariá-los – as dificuldades impostas pela vida, a falta de oportunidade –, ainda que a sociedade lhes atribua características pejorativas, esses sujeitos conseguem encontrar sua identidade. Tudo isso os empurra para o mundo do rejeito e da discriminação, mas, ainda assim, eles conferem valor àquilo que fazem, às tarefas que executam, ao seu trabalho. Portanto, aquilo que realizam é percebido por eles como a chance de terem um destino melhor, uma oportunidade legítima. Mas a distorção dos que se julgam serem pessoas “normais”, acerca dos catadores, vistos como estigmatizados, remete a uma ideia de que esses trabalhadores não são completamente humanos e que sobrevivem da caridade das “pessoas de bem”. Essa conduta benevolente e caridosa da sociedade tem como fim colaborar para a redução do sofrimento imposto ao grupo estigmatizado (BASTOS, 2008).

Essa atitude de benevolência está ligada à característica do mundo moderno e do isolamento social a que essas pessoas são expostas. A sociedade, atualmente, é marcada por individualismo e egoísmo, sendo que a maioria das pessoas pensa

¹ Quando falamos de natural ou normal, referimo-nos à visão das pessoas que não vivem do trabalho com o lixo em relação àquelas que trabalham com ele.

apenas em si em primeiro lugar, sem consciência coletiva e de grupo. Os trabalhadores da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte/MG – ASMARE, diferentemente dessa perspectiva predominante, demonstram um sentimento de pertencimento a um coletivo, caminhando na contramão do sistema, fazendo do seu espaço de trabalho um ambiente de organização social. A importância conferida ao trabalho pelos catadores vai além da sobrevivência, alcança a materialidade e a imaterialidade, simbolizando, no âmbito psicológico, um “alimento” para a alma, uma forma de empoderamento (BASTOS, 2008).

No entanto, nada disso impede que a ocupação de catador se situe em uma economia marginal, caracterizada pelas condições precárias de trabalho, com pouco ou nenhum reconhecimento da economia e da sociedade pelos possíveis benefícios que possam acarretar para a limpeza pública e para o meio ambiente. Provavelmente, em decorrência dessa condição de marginalidade, atualmente, observa-se uma tendência dos catadores de materiais recicláveis a se organizarem em cooperativas e associações como alternativa de trabalho, renda, autonomia, resgate da cidadania e reconhecimento social (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

De acordo com Dias (2002), a constituição dos catadores como sujeitos sociais, na cidade de Belo Horizonte, aconteceu a partir do momento em que eles conseguiram se organizar em torno da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável, a ASMARE, fundada em 1990. Esse processo se iniciou a partir de 1987, por meio do trabalho sociopedagógico desenvolvido pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, que se estabeleceu como o primeiro grupo a reconhecer a dimensão marginal à qual o trabalho do catador estava relegado e a vislumbrar o potencial de geração de trabalho e renda presente nessa atividade. E foi por meio da parceria da ASMARE com o poder público que a imagem do catador como marginal e vadio se desconstruiu, fazendo emergir um novo olhar para esse trabalhador como um profissional da coleta seletiva, dotado de importância em vários aspectos, dentre eles, a de contribuir para uma economia mais sustentável.

Percebe-se, assim, que o trabalho desenvolvido pelos catadores assumiu, gradativamente, um lugar de importância social, pois evita alguns problemas de

saúde pública e ambientais decorrentes da disposição inadequada do lixo nas cidades (SANTOS; SILVA, 2009). Contudo, ainda é possível perceber que a sociedade enxerga tal atividade como degradante, insalubre, penosa, permeada por preconceitos. Catar lixo ainda é considerado, segundo Barros *et al.* (2002), uma atividade excludente pela própria natureza do tipo de trabalho, embora a catação se constitua também como uma possibilidade de inclusão social de uma parcela de trabalhadores. Nesse sentido, o catador de materiais recicláveis é incluído ao ter uma oportunidade de trabalhar, mas é excluído pelo tipo de trabalho que realiza: trabalho precário, realizado em condições inadequadas, com alto grau de periculosidade e insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos muitas vezes irreversíveis para a saúde e com a ausência total de garantias trabalhistas.

Logo, interpretar o sentido do trabalho para o catador de material reciclável é importante para “compreender o comportamento desse trabalhador num mundo em que a dimensão profissional ainda tem papel fundamental para a formação da identidade e para o bem-estar das pessoas” (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012, p. 165).

Portanto diante das considerações apresentadas, surgiu uma pergunta norteadora para este estudo: Frente às adversidades que necessitam enfrentar, **qual é o sentido que os catadores de materiais recicláveis atribuem ao trabalho que realizam?**

Na intenção de responder ao problema de pesquisa proposto, foram traçados o objetivo geral e os objetivos específicos, descritos a seguir.

1.2 Objetivo geral

Descrever e analisar o sentido do trabalho para os catadores que atuam na ASMARE, na cidade de Belo Horizonte/MG.

1.3 Objetivos específicos

- a) Identificar e descrever a função psicológica do trabalho para catadores de materiais recicláveis;
- b) Identificar e descrever a percepção dos catadores de materiais recicláveis pesquisados a respeito das condições de trabalho no contexto em que estão inseridos;
- c) Identificar e descrever o lugar do trabalho na construção identitária dos catadores de materiais recicláveis pesquisados;

1.4 Justificativa

Esta pesquisa se justifica por dois motivos principais: o acadêmico e o social. Do ponto de vista acadêmico, os resultados poderão contribuir para o aprofundamento de pesquisas na área, ao disponibilizar um estudo relacionado ao sentido do trabalho para trabalhadores que estão inseridos em atividades com pouca visibilidade social, apesar da sua grande importância para a sociedade como um todo.

Em busca realizada em março de 2017 no *site* da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), mais especificamente nos anais do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD), que abriga trabalhos e artigos publicados em congressos, obtivemos um retorno de quatro artigos referentes ao tema “sentido do trabalho”, considerando-se os últimos 5 anos. Quando a pesquisa foi refinada com o tema “sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis”, não houve retorno de artigos.

Ao pesquisar na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), em março de 2017, sobre “sentido do trabalho”, houve um retorno de sessenta e seis artigos, e quando a pesquisa foi refinada com o tema “sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis”, houve o retorno de apenas um artigo. Foi considerado o período de 2012 a 2017 para a busca dos artigos.

Tendo como referência esse mesmo período de tempo, ao se pesquisar, em março de 2017, na *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), sobre “sentido do trabalho”, houve um retorno de vinte artigos; quando a pesquisa foi refinada com o tema “sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis”, nenhum artigo foi encontrado.

Considerando que o trabalho é uma atividade central na vida das pessoas, compreender seu sentido para trabalhadores de associações de reciclagem de materiais nos pareceu relevante. Torna-se oportuno, então, pesquisar a temática para enriquecimento do conhecimento produzido na academia, bem como para contribuir e fomentar pesquisas no sentido de aprofundar o conhecimento a respeito de como os catadores de materiais recicláveis percebem e vivenciam o trabalho que desenvolvem.

Do ponto de vista social, esta pesquisa pode contribuir de maneira a auxiliar na quebra do estigma que cerca esses trabalhadores e esclarecer sobre seu verdadeiro papel na sociedade. Os resultados podem ajudar também na elaboração de políticas públicas referentes aos catadores que, por conseguinte, podem criar a possibilidade de melhorias nas práticas de tratamento de resíduos e na qualidade de trabalho e vida desses trabalhadores. Tudo isso se justifica porque é sabido que os catadores desempenham suas atividades em condições precárias, sofrem preconceitos e possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e no meio ambiente, embora tenham a profissão oficialmente reconhecida e sejam resguardados por um comitê específico (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, considerando esta Introdução. No capítulo dois, apresenta-se o referencial teórico. No capítulo três, descrevem-se os procedimentos metodológicos. No capítulo quatro, encontra-se a ambiência da pesquisa. No capítulo cinco, procede-se à apresentação e análise dos resultados. No capítulo seis, formulam-se as considerações finais, seguidas das referências consultadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a revisão da literatura sobre a temática em estudo. Por sua relevância, foram abordados os seguintes tópicos: a função psicológica do trabalho, trabalho e identidade, centralidade do trabalho na sociedade contemporânea e precarização do trabalho e desemprego.

2.1. Centralidade do trabalho na sociedade contemporânea

O trabalho humano, em uma perspectiva marxiana, é o elo que estabelece a ligação entre o homem e a natureza (MARX, 1996). Ele traz como resultado não somente objetos úteis, como alimentos, roupas, habitação, meio de transporte, mas também as instituições que compõem a sociedade como um todo. Dessa forma, trata-se de uma atividade que diferencia o homem dos outros animais, uma vez que o homem, por intermédio do trabalho, age conscientemente, usando a natureza para a consecução de seus fins, ao passo que os animais somente utilizam o que a natureza propicia, agindo de forma instintiva (ARAÚJO, 2010).

Na perspectiva marxiana, percebe-se uma estreita conexão entre teleologia e causalidade, permitindo capturar a essencialidade do trabalho enquanto fundante da atividade humana. O trabalho é visto como central na vida humana, pois é o mediador, por excelência, da relação homem-natureza, sendo também elemento que permitiu a passagem do ser biológico para o ser social. Portanto, é uma atividade exclusivamente e essencialmente humana.

O que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1985, p. 202).

A teleologia é, pois, o momento constitutivo do processo de trabalho. Segundo Holanda (2002), fora do trabalho não há qualquer tipo de teleologia, sendo que essa atividade jamais existiria se não fosse precedida de uma atitude teleológica consciente que pudesse determinar o processo em todas as suas fases.

O trabalho pode ser denominado como a ferramenta que o homem possui para dominar a natureza, tendo como resultado desse mecanismo a construção de si mesmo, os utensílios e a estrutura social com todo seu aparato político e cultural. Por intermédio do trabalho, o homem determina a gênese da prática social, pois ele forma a base sobre a qual tem lugar o processo de autoconstrução do ser social. O trabalho é a forma superior da prática social, é elemento fundante da sociabilização e da humanização (ARAÚJO, 2010).

Ademais, as modificações dos meios de trabalho alteram também o relacionamento humano e mudam as condições sociais sob as quais ocorre a produção (RUY, 1997). Por meio do trabalho e a partir dele, ocorre o próprio processo de hominização, impondo uma base sólida para o estabelecimento das relações sociais. Portanto, para entender a sociedade e todo o arcabouço social, jurídico e político, é de grande relevância manter um olhar sobre as relações de trabalho e os meios com que se concretiza a produção material, já que os meios de trabalho não são apenas mediadores do nível de desenvolvimento da força de trabalho, são também mediações das condições sociais em que se trabalha (MARX, 1988).

O que diferencia as épocas econômicas não é o que é produzido, mas como é produzido e com que tipo de trabalho, revelando as condições sociais nas quais se trabalha. A transformação dos instrumentos de trabalho tem interferência direta nas relações sociais e vice-versa. Nessa perspectiva, o trabalho tem seu valor histórico e humano, sendo que, neste estudo, pretendemos aprofundar esses aspectos, considerando, sobretudo, as mudanças recentes introduzidas nos contextos produtivos (HARVEY, 2013).

O processo de flexibilização iniciado nos anos de 1970, via Toyotismo, é um exemplo disso. O modelo implantado naquela época visava transformar a rigidez do Fordismo para um modelo de trabalho mais flexível. Nesse modelo de produção, o trabalho deixa de ser exercido exclusivamente na fábrica para ser realizado em casa (trabalho doméstico) ou em empresas terceirizadas. O ponto essencial é compreender que essa mudança altera as formas de trabalho e as relações humanas, criando o trabalho desprotegido e retirando conquistas históricas em

termos de direitos sociais. Observa-se que, em virtude das mudanças iniciadas no final do século XX, o trabalho formal se torna mais evidente (ANTUNES, 1999).

O mundo vivenciou, entre os anos de 1980 e 1990, mais uma reestruturação produtiva e do capital. A revolução da tecnologia e das organizações em seus processos produtivos permitiu o avanço da globalização do capital, que, por sua vez, gerou ajustes da política neoliberal, implicando em novas configurações no que tange à sociabilidade capitalista, como também modificações nos estados nacionais, alcançando a maior parte dos países industrializados. Tais transformações acarretam profundas consequências para a sociedade e, principalmente, para os trabalhadores (ARAÚJO, 2010).

Antunes (1999) entende que esse processo é direcionado por um agrupamento de nexos causais que tem como consequência a diminuição radical de empregos regulares, o crescimento do trabalho informal, maior fluidez do mercado de trabalho, terceirizações, subcontratações, diminuição e flexibilização dos salários, além do desemprego estrutural.

Uma vez que o capital agrega seu poder de concentração e centralização, a classe de trabalhadores está imersa em um processo de pauperização em vários casos absolutos. Grande número de pessoas que são obrigadas a vender sua única mercadoria, ou seja, a sua força de trabalho, se mantém à margem das possibilidades de garantir condições necessárias de sobrevivência, aumentando a desordem da questão social neste início do século XXI (ARAÚJO, 2010).

Devido ao desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia, percebe-se que o trabalho vivo é substituído em grande escala pelo trabalho morto, contudo, isso não elimina a necessidade do trabalho (MARX, 1996). Isso significa que, em qualquer forma de organização da produção, o trabalho é vital. Mesmo que as condições objetivas e subjetivas experimentadas e estudadas no século XIX por Marx se difiram das que embasam o capitalismo do século XXI, as mudanças permanecem apenas nas formas e nos meios empregados para trabalhar, visto que o trabalho permanece como uma categoria fundante. Portanto, no que tange à centralidade do trabalho, as ideias de Marx ainda são atuais (ARAÚJO, 2010).

Harvey (2005) vai nessa direção quando afirma que o trabalho ainda é a única forma de perpetuação da humanidade, apesar das modificações introduzidas no capitalismo contemporâneo que transformaram os pilares de valorização do capital, usando formas avançadas de adquirir a mais-valia, fazendo crescer o trabalho informal em razão das terceirizações, que abrem caminho para a interação entre a informalidade e a produção de capital.

Teóricos, principalmente os seguidores e adeptos da corrente marxiana, continuam a reconhecer o trabalho como a matriz fundante do ser social e da própria sociabilidade, permitindo a realização e o desvendamento do indivíduo. Há, porém, na contemporaneidade, correntes de pensamento que se opõem a essa visão, ao afirmarem que o trabalho perdeu a força, o lugar, o valor e o sentido que lhe tem sido conferido. Essa atividade teria deixado de ser central quando considerada a partir das formas contemporâneas de sociabilidade, bem como dos processos atuais de individuação. Esses estudiosos discutem ainda que a ciência passou a ter papel preponderante em relação ao trabalho, assumindo a condição de principal força produtiva em substituição ao valor do trabalho, confirmando, desse modo, o fim da centralidade deste (LIMA, 2003).

Acerca da perda da sua centralidade no contexto contemporâneo, argumenta-se que o trabalho deixou de ser uma atividade própria do indivíduo, sendo que este se manifesta mais pela passividade e de forma pré-programada, sujeitando-se aos comandos e direcionamentos, não encontrando espaço para ser protagonista e tomar iniciativa. Os autores que aderem a essa perspectiva afirmam que o trabalhador não se identifica mais com sua função ou trabalho em seu processo produtivo, desaparecendo o sentimento de pertença a uma classe (LIMA, 2003).

Ocorre ainda a visão de uma não-classe expulsa da produção pelo processo de abolição do trabalho ou subempregados em suas capacidades pela industrialização, conjuntamente com o próprio trabalho (seja pela automatização e pela informatização). Em suma, esses teóricos concebem que o trabalho deixou de ser para o homem uma atividade ou mesmo uma ocupação principal, configurando-se como um tempo morto, à margem da vida, onde se está ocupado apenas em ganhar algum dinheiro. Os novos arranjos e as evoluções tecnológicas estariam

caminhando na contramão de uma apropriação possível dos processos pelos produtores, ou seja, teria surgido uma marginalização do trabalho vivo em decorrência do efeito da revolução tecnológica. Essa corrente defende ainda que, após o pleno desenvolvimento da automatização, os empregos perderão sua condição de fonte de identidade, sentido e poder para aqueles que os ocupam (LIMA, 2003).

No entanto, na visão de Mongin (1997) e Perret² (1997), citado por Lima (2003), mesmo existindo uma grande separação entre o crescimento econômico e a ocupação laboral, o trabalho ainda confere identidade para muitos indivíduos, sendo um ícone de reconhecimento social. Para os autores, a identidade social provém do agir, sendo o homem o agente da ação.

Perret (1997), citado por Lima (2003), argumenta ainda que, mesmo existindo um maior período de tempo livre, o trabalho ainda é um elemento crucial da existência, uma vez que ele auxilia na organização do psiquismo, preenchendo lacunas deixadas pelas relações socioafetivas e curando feridas narcísicas adquiridas nas experiências anteriores de vida.

Ademais, para aqueles que aderem a essa corrente do pensamento, o trabalho confere sentido e legitimidade para a circulação da moeda, equilibrando as forças de dissolução provocadas pelo dinheiro. Desse modo, seria explicada a deterioração no caráter do sujeito que obtém uma renda sem ter uma atividade laboral. Quando é verificada essa situação, ocorre uma deturpação do vínculo social, gerando uma relação de dependência (PERRET, 1997 citado por LIMA, 2003).

Segundo Perret (1997), citado por Lima (2003), e Antunes (2003), de fato, o progresso da tecnologia dá margem para substituição do homem pela máquina, porém é impossível ocorrer uma substituição plena, posto que somente o homem é capaz de dominar as incertezas e operar as atribuições específicas e complexas observadas nos processos produtivos.

² PERRET, B. L'avenir du travail: des tendances contradictoires. In: Boisard, P. *et al.* **Le travail – quelle avenir?**, Éditions Gallimard, Paris. 1997.

De fato, o universo do trabalho tem passado por grandes transformações, sendo que a tecnologia está ganhando território, gerando o desemprego, uma vez que a produção pode ser efetuada em grande escala com um número bem menor de trabalhadores. Todavia, tais mudanças não permitem concluir que o trabalho perdeu sua centralidade ou o seu valor, ou que o desemprego passou a ser percebido como uma banalidade, nem mesmo que os sujeitos estejam propícios a redirecionarem sua energia psíquica e estabelecerem a cultura do ócio (KURZ; LOHOFF; TRENKLE³, 2002 citados por LIMA, 2003).

Diante de tais argumentos, Organista (2006, p. 111) salienta que:

Apesar da precarização e fragmentação do mundo do trabalho e da diminuição dos empregos formais, ao trabalho continua sendo atribuído valor moral, enquanto das pessoas se espera que executem uma atividade socialmente reconhecida (ORGANISTA, 2006, p. 111).

Sendo assim, o autor argumenta que as transformações no mundo do trabalho e a redução do trabalho formal não permitem a conclusão de uma crise da “sociedade do trabalho ou do surgimento de uma sociedade do tempo livre”; pode-se somente aludir que as relações sociais e os aspectos acerca do trabalho apresentam-se em um processo de mutação.

Para Lima (2003), os autores que defendem e seguem de modo natural a tese de que o trabalho terá seu fim estariam convictos de que o indivíduo é somente uma vítima dos ideais que transformaram a atividade laboral em um conto da sociedade moderna. No entanto, eles não trazem evidências científicas de que isso de fato estaria ocorrendo, pautando seus argumentos mais em pontos de vista do que em dados de pesquisa. Aqueles que defendem a perspectiva contrária, isto é, de que o trabalho permanece como uma base importante de construção e sustentação de processos identitários, além de ser central na organização da sociabilidade, sustentam, em geral, suas posições em evidências científicas relevantes.

Nesse contexto, é possível considerar que o catador de material reciclável pode ser visto como parte do exército industrial de reserva, pois está de alguma forma

³ KURZ, R.; LOHOFF, E.; TRENKLE, N. **Manifeste contre le travail**. Éd. Léo Scheer: Paris, 2002.

disponível no mercado. Apesar disso, percebe-se esse profissional em posição diferente da que ocupou anteriormente, uma vez que o ato de catar lixo era algo do âmbito da mendicância, era visto como elemento exclusivamente para conseguir alimento, algo emergencial e paliativo. Atualmente, a atividade se insere na categoria trabalho, foi ressignificada e se transformou em uma obra de responsabilidade social, uma vez que contribui para o cuidado com o meio ambiente. Sendo assim, o catador não pode ser considerado excluído, não em estado permanente, pois está inserido numa cadeia produtiva, ainda que marginalizada (GONÇALVES, 2005).

2.2 A função psicológica do trabalho

Diferenciando de algumas vertentes tradicionais da psicologia, que analisam a subjetividade desconsiderando o trabalho realizado pelo sujeito, a Clínica da Atividade, uma vertente das clínicas do trabalho, que resultou das pesquisas de Yves Clot (2006). O autor apresenta algumas dimensões relacionadas a subjetividade fundamentais para se compreender o que se passa dentro do universo laboral.

Vieira, Barros e Lima (2007) percebem o trabalho como parte intrínseca da expressão humana, do experimentar e do aprender individual. Os autores argumentam ainda que compreender o trabalho dentro da esfera genérico-humana, que muda a natureza e o próprio homem, permite constatar os processos de subjetivação que acontecem nesse contexto. Por intermédio do trabalho, o indivíduo pode se reconhecer e, ao mesmo tempo, usando a alteridade, buscar o reconhecimento do outro (VIEIRA; BARROS; LIMA, 2007).

Meyerson⁴ (1987) citado por Clot (2006), determina o trabalho como uma tarefa de subversão que é contínua, ao criar utensílios, mas também ao se vincular ao equilíbrio econômico e moral de um determinado grupo em algum momento histórico. Segundo o autor, o trabalho é um dos maiores gêneros da vida social, sem ele, uma sociedade pode facilmente se isolar e comprometer sua continuidade.

⁴ MEYERSON, I. **Écrits 1920-1983**: Pour une psychologie historique. Paris: PUF, 1987.

Dessa forma, um sujeito não pode afastar-se dele sem ser acometido do sentimento de inutilidade social. A função psicológica do trabalho residiria, portanto, no fato de o homem poder se destacar quando se vê entrelaçado, identificando-se com a sua tarefa. Assim, o sujeito, por meio do trabalho, se transforma cada vez mais para os outros, primordialmente em sua prática e, depois, institucionalmente.

Ademais, o trabalho traz ao sujeito a possibilidade de se realizar por ter um caráter impessoal, permitindo uma ruptura entre as “pré-ocupações” pessoais do indivíduo e as “ocupações” que a sociedade lhe impõe. Em suma, o trabalho faz com que o indivíduo alcance a si próprio por meio da sua inserção em outra história. A história coletiva cristalizada dos gêneros sociais, com a qual ele contribui “saindo de si” (CLOT, 2006, p. 73).

O autor explica ainda que o trabalho, sendo visto como uma atividade simbólica e genérica, é a “atividade mais humana que existe”, tornando-se crucial ao promover o valor que o indivíduo atribui a si próprio. Ele permite que o homem modifique a natureza ao usar, agregar e se opor a ela, carregando, ao mesmo tempo, uma memória social a partir de objetos, signos, instrumentos e regras. Ter acesso a essa memória alicerça o sujeito. Assim, o trabalho humano agrega dupla significação: o trabalho sobre si e o trabalho que envolve o mundo dos outros e das coisas. Ele é, simultaneamente, uma tarefa do grupo e um acontecimento psíquico (CLOT, 2006).

Segundo Clot (2006), o trabalho decorre de uma estrutura de grupo, sendo, de certa forma, uma sociedade organizada, moderadamente estável, de pessoas que possuem ligações, e que fornece um papel a cada um no lugar de conjunto. Os grupos diferem-se por interesses, obrigações e hábitos. Mas o autor afirma ainda que os mecanismos de trabalho não são ligados apenas por semelhanças, às vezes, se ligam por atividades diferentes, combinando os objetos comuns com coerência e mantendo a distribuição das tarefas entre os diferentes gêneros. Ou seja, as variadas formas de trabalho agrupam características do meio e do grupo que inserem nele sua originalidade. O sujeito, no contexto do trabalho, rege suas ações em consonância com as regras impostas pela pertinência ao grupo. A autenticidade do sujeito é minimizada por um movimento em que ele é simultaneamente sujeito e objeto.

O trabalho assume uma funcionalidade psicológica para o sujeito por meio do patrimônio que ele “fixa e na atividade (conjunta e dividida) necessária para a conservação e renovação desse patrimônio” (CLOT, 2006, p. 80). A função psicológica do trabalho é crucial, uma vez que este assume o papel de conservação e de transmissão, sendo um meio de inventar e renovar. O indivíduo ocupa um lugar “no interior da divisão de trabalho simultaneamente como sujeito e como objeto dessa conservação e invenção” (CLOT, 2006, p. 80).

A atividade laboral se configura como uma demonstração subjetiva em que o sujeito confronta a si mesmo e aos outros para realizar o que é para ser feito. No trabalho, enfim, o indivíduo se expõe ao real, ao possível e ao impossível. Esse processo faz com que o sujeito se desenvolva, ao colocar o mundo social a seu serviço, fazendo dele um “mundo para si”, “integrando-se com ele e reformulando-o a fim de participar da elaboração de novas significações” (CLOT, 2006, p. 115).

O trabalho é, então, a capacidade de estabelecer engajamentos, mas pode perder o sentido quando não permite a realização das metas vitais e dos valores que o sujeito extrai dos diferentes domínios da vida em que está envolvido, pois é, também, um meio de “invenção dessas vidas” (CLOT, 2006, p.14).

Por meio do trabalho, o indivíduo se torna cada vez mais para os outros, primeiramente em sua prática e, depois, institucionalmente. Portanto, ele desenvolve no sujeito a capacidade de estabelecimento de engajamentos e de prever com os outros algo que não tenha vínculo direto consigo mesmo (CLOT, 2006).

Buscando desenvolver uma resposta à questão sobre qual seria a função psicológica do trabalho, Clot (2006) desenvolveu dois conceitos fundamentais em seus estudos: o conceito de gênero e o de estilo da atividade. Para ele, o gênero trata das atividades ligadas a uma situação, a maneira de compreender as coisas e pessoas em um determinado meio. O gênero conserva a história de um grupo, a memória impessoal de um local de trabalho, e é constitutivo da atividade pessoal que se realiza por meio do trabalho. Ou seja, ele é construído pelo coletivo, sendo constituído de normas, procedimentos regras, entre outros. É fundamental ao

trabalhador a partir do contato com o coletivo, de maneira informal, não sendo, portanto, ensinado a ele.

Portanto, o gênero se constitui como um saber prático e não teórico. Quando se incorpora o gênero à atividade, cria-se um estilo. Este retira ou liberta o profissional do gênero, não o negando, mas usando os seus recursos, suas diferenciações, por meio de um desenvolvimento, impelindo o sujeito em direção a uma renovação (CLOT, 2006).

Assim, o estilo é a transformação dos gêneros em recursos para a apreensão da atividade real de um sujeito. Ou seja, o estilo é o movimento por meio do qual o sujeito se liberta do curso das atividades esperadas, não as negando, mas desenvolvendo-as. Trata-se, em suma, de um modo próprio de desenvolver a atividade (CLOT, 2006).

2.3 Trabalho e identidade

Vimos que o trabalho ocupa um lugar central na vida humana, sendo uma categoria fundamental, embora não única, para a compreensão das relações sociais, dos processos identificatórios e do modo de ser dos sujeitos. Portanto, a dimensão ocupacional ocupa um grande espaço na vida das pessoas, permeando as relações sociais, ajudando na configuração do modo de ser dos indivíduos (TONELLI, 2001).

Quando se trata de identidade, existe muita diversidade quanto ao emprego dessa palavra. Isso se deve à amplitude conceitual e às várias definições existentes, que se formulam e se estabelecem a partir dos objetivos e interesses de cada área do saber. Assim sendo, conforme os significados que a palavra assume, as definições são distintas entre si (CALDAS; WOOD JÚNIOR, 1997).

Hall (2006) define identidade dizendo que sua dinâmica é fruto das modificações estruturais da própria sociedade, em função do contexto histórico e social em que o indivíduo está inserido. Ele pondera que os contextos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos têm cooperado para a formação e o amadurecimento das diversas categorias de identidade que têm surgido. O autor considera também que a

construção da identidade não é algo que tenha fim, vendo-a como um processo em constante mudança em decorrência da multiplicidade de representações culturais e de significados com que o indivíduo está propenso a se deparar. Assim, conforme Caldas e Wood Júnior (1997), a origem de identidade está no processo de socialização, indicando que, no decorrer da vida, pode ser adquirida, construída, perdida e reconstruída.

Nessa perspectiva, é compreendida como uma construção histórica e cultural, de forma não essencialista, uma vez que:

[...] o sujeito nunca é idêntico a si mesmo por todo o sempre, já que guarda uma abertura para o tempo, um tempo histórico que o vai posicionar na diferença e não no mesmo, através dos tempos. O que se repetiria seria a produção, a potência de diferenciação e não o sujeito (GUARESCHI; MEDEIROS; BRUSCHI, 2003, p. 47).

Segundo Veloso (2007), a terminologia “identidade” surge na década de 1960, partindo das reflexões de Freud em relação à autodefinição, e considerando a temática de modo multidimensional, envolvendo tanto a identidade pessoal, como também a social. Partindo de uma abordagem psicanalítica e psicossocial, considera-se o sujeito na sua esfera individual e no âmbito do grupo social e atesta-se que, por meio do desenvolvimento de valores identitários, o indivíduo consegue integrar-se com o grupo.

Da mesma forma, para Dubar (1997), identidade é algo que não nasce com o indivíduo. Ela é construída, primeiramente, na infância e, no decorrer da vida, é construída e reconstruída. Desse modo, trata-se do resultado, estável e ao mesmo tempo provisório, dos variados e sucessivos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e os definem. Para o autor, a construção da identidade depende também do julgamento dos outros além da definição do próprio indivíduo. Ao apresentar o conceito de dualidade no social, o autor defende que a identidade se apresenta em duas esferas: a identidade para si e a identidade para o outro, as quais são indissociáveis, pois a identidade para si encontra-se diretamente relacionada ao outro, ou seja, nós sabemos e nos reconhecemos também pelo olhar do outro.

Logo, a análise da identidade, para Dubar (1997), dependerá dos seguintes processos: identidade para o outro, portanto, decorrente do processo relacional estabelecido pelo indivíduo com os outros; identidade atribuída ou identificação com instituições julgadas estruturantes ou legítimas; identidade para si, que consiste em um processo biográfico por meio do qual o indivíduo diz quem é; e identidade reivindicada, herdada ou visada, ou identificação com categorias julgadas atrativas ou protetoras.

Desse ponto de vista, a identidade possui caráter relacional, pois, de acordo com Dubar (1997), as pessoas se identificam com aquilo que dizem de si mesmas e também do que os outros dizem dela. A relação entre a visão do “eu” e do “outro” implica momentos de construção e reconstrução de identidades, pois a forma como nos vemos é influenciada pela forma como os outros nos veem e, a partir de como os outros nos veem, começamos a nos ver de uma maneira diferente e até mesmo nos comportarmos diferentemente. Pode-se deduzir, então, que a identidade influencia na estruturação da ação dos indivíduos.

Assim, a identidade possui simultaneamente uma dimensão individual, isto é, as ideias, concepções e representações que construímos sobre nós mesmos, e uma dimensão coletiva, isto é, os papéis sociais que desempenhamos em cada grupo ao qual pertencemos (familiar, profissional, escolar, religioso, etc.). Para a construção da identidade, portanto, convergem dois processos, sendo um processo autobiográfico (a identidade do eu) e um relacional (a identidade para o outro) (DUBAR, 1997).

Em suma, o conteúdo das identidades sociais construídas no interior de um grupo social define as diversas dimensões das comparações sociais, que reforçam o sentido dessa identidade, ou seja, as identidades sociais estão marcadas pelas semelhanças entre si. Normas típicas do grupo, como atitudes e comportamentos explicitamente reconhecidos como valores coletivos, são formas relevantes de expressão da identidade de seus membros. Isso significa que a identidade se configura no sentimento de pertença a determinados grupos, levando-nos a atuar prioritariamente em termos dos interesses coletivos (COUTINHO; KRAWULSK; SOARES, 2007).

É possível dizer também que os indivíduos possuem não só uma identidade, e sim múltiplas identidades que se constroem dinamicamente (CARRIERI; PAULA; DAVEL, 2008), já que a construção das identidades é influenciada por diferentes contextos e espaços nos quais os indivíduos interagem, envolvendo estruturas sociais, a cultura e o histórico das relações dos indivíduos. O entendimento da identidade como múltipla perpassa também os vários papéis que os indivíduos assumem nos diferentes momentos e lugares em que eles se relacionam com os outros.

Hall (2006) afirma ainda que a contemporaneidade trouxe em seu bojo transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. Tais transformações, principalmente as que tangem ao capitalismo, produzem um contexto laboral marcado por características como transitoriedade, efemeridade e descontinuidade, e atingem a questão da configuração da identidade do sujeito (HALL, 2006).

Por conseguinte, tais transformações provocam mudanças também nas identidades pessoais, ao desestabilizar a ideia de si próprio como sujeito integrado, fazendo-o perder a estabilidade do sentido de si mesmo. Assim sendo, não se pode deixar de considerar que esse conjunto de mudanças afetou de modo decisivo o mundo do trabalho, expressando-se particularmente no crescimento do desemprego e também na precarização das formas de trabalho e dos direitos do trabalhador. Como consequência, são observadas transformações na própria configuração da classe trabalhadora, afetando igualmente sua identidade e incorporando não só o proletariado fabril, mas a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho (HALL, 2006).

Nesse sentido, Sennet (2001) desenvolve a ideia de que, no capitalismo contemporâneo, o trabalho flexível, temporário, terceirizado, com ênfase no curto prazo, diminui as possibilidades de as pessoas desenvolverem experiências e construir uma narrativa coerente para suas vidas. Ainda de acordo com o autor, esse modo de produção corrói o caráter do trabalhador, sobretudo aquelas

qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros e dão a cada um deles um senso de identidade (SENNET, 2001, p. 27).

Em suma, a concepção do trabalho como um elemento imprescindível para a constituição da identidade do indivíduo deve ser repensada e analisada também à luz das várias transformações que vêm ocorrendo no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias, bem como as formas de produção (SENNET, 2001).

Dessa forma, como as trajetórias profissionais constituem parte de expressivo significado no processo de viver dos trabalhadores, seja pelo tempo a elas dedicado, seja pela sua importância, fragmentações nesse percurso laboral se mesclam, inevitavelmente, à própria trajetória de construção identitária, que precisará ser retomada e recriada constantemente.

2.4 Precarização do trabalho e desemprego

As intensas transformações do modelo econômico decorrentes da reestruturação produtiva, da integração mundial dos mercados financeiros, da internacionalização das economias, da desregulamentação e da abertura dos mercados, com a quebra de barreiras protecionistas, em suas causas e consequências político-sociais, vêm atingindo, de forma significativa, setores da população trabalhadora (SANTOS, 2012).

Em resposta à atual crise capitalista, que surgiu com a queda da taxa de lucro, do esgotamento do fordismo, nos anos de 1970, ocorreu o processo de reestruturação produtiva, forma de restaurar o processo de produção, resultando no modelo toyotista (ANTUNES, 1999). As reconfigurações e remodelações dos processos produtivos, ocorridas nas últimas décadas do século XX, visaram à manutenção do lucro, ao aumento da produtividade e à manutenção do controle sobre a organização do trabalho e sobre o trabalhador. Uma das consequências dessas mudanças que vem sendo assinalada pelos autores concerne à intensa precarização do trabalho (ANTUNES, 1999).

O capitalismo, principalmente a partir da automação, da robótica, da informatização, e da entrada da internet, entrou em um quadro de profundas mudanças no interior do mundo do trabalho. Por conseguinte, principalmente a partir da década de 1990, na conjuntura da globalização e das reformas neoliberais com políticas deliberadas que diluem as fronteiras entre o público e o privado, os trabalhadores brasileiros se veem num cenário de acirramento das privatizações, de reestruturação industrial, de aumento das terceirizações, do desemprego, da superexploração e do emprego informal (ANTUNES, 1999).

Nessa direção, podem-se identificar alguns traços cruciais da nova configuração social do trabalho que surge sob o capitalismo global e que implica o que se denomina precarização do trabalho (ANTUNES, 1999; LIMA; SOARES, 2002; LESSA, 2007; SANTOS, 2012). Eles constituem um processo de quebra ou enfraquecimento dos coletivos de trabalho, captura da subjetividade do trabalhador e redução do trabalho formal.

Nessa direção, Lessa (2007) aponta que na atual sociedade capitalista a alienação se manifesta com características e intensidade inéditas. A dinâmica econômica passou a definir, mais do que nunca, a ordem social, e os indivíduos passaram a se construir em permanente confronto com a estrutura social e com os outros indivíduos, numa disputa individual constituída de uma individualidade egoísta e concorrencial, construindo uma sociedade desumana. Assim, cada indivíduo percebe na sociedade e nos outros indivíduos apenas uma oportunidade ou um obstáculo para acumulação do capital.

Ademais, todas essas mudanças vêm acarretando, segundo Sá (2010), uma generalização do trabalho precário. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) estima que 60% da força de trabalho a nível mundial é precária. À instabilidade laboral, que não permite aos trabalhadores organizarem a sua vida pessoal, associam-se os baixos salários, que se prolongam sem grandes atualizações. Tal precariedade refere-se a uma situação geral de escassez, insuficiência, desestabilização, falta de reconhecimento e apreço social, e corresponde a um modo de vida caracterizado pela falta de condições mínimas, que permitam ao ser humano ser um sujeito individualmente ativo.

A noção de trabalho precário habitualmente pode ser analisada ao se fazer referência a uma multiplicidade de realidades de trabalho que têm em comum apenas o fato de não caberem no cenário da relação de emprego assalariado típico, preconizada, ao largo do século passado, como forma normatizada caracterizada como civilização do trabalho (HUGUES, 1996).

O trabalho precário é uma condição multifacetada, com rebatimentos econômicos, jurídicos, políticos e morais. Modifica-se no tempo, entre países, cidades e regionais e a partir da atividade econômica desempenhada. Não é possível considerá-lo como um fenômeno novo, existe desde o início do trabalho assalariado. Em suas determinações atuais, tem-se insinuado de forma cada vez mais insidiosa no mundo do trabalho, a ponto de se perceber que a precariedade está na raiz das questões sociais do século XXI. Assim, a questão é que o trabalho apresenta-se cada vez mais precário em todo o mundo, rompendo fronteiras, esferas e setores antes relativamente protegidos. Sob formas renovadas, já não respeita os limites da formalidade, insinuando-se também para dentro do campo tradicionalmente protegido das chamadas profissões liberais. A precariedade se expressa pela impossibilidade técnica e política de os trabalhadores controlarem os meios e os fins de sua atividade produtiva (VARGAS, 2016).

Recentemente, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) determinou como trabalho precário aquele configurado como mal pago, inseguro, desprotegido e insuficiente para sustentar um domicílio. Apresenta sete elementos que se associam com a precariedade, fazendo contraponto ao trabalho digno. São eles: (1) Insegurança do mercado de trabalho (ausência de oportunidades de emprego); (2) Insegurança do trabalho (desproteção ou proteção inadequada no que concerne à perda de emprego ou à dispensa arbitrária); (3) Insegurança de emprego (falta de habilidade para dar seguimento em determinada ocupação particular devido à falta de limites para o labor e de qualificações de trabalho); (4) Insegurança de segurança e saúde (condições precárias de segurança ocupacional e saúde); (5) Insegurança de reprodução de experiência (deficiência de acesso a educação básica e treinamento vocacional); (6) Insegurança de renda (inadequação do rendimento; nenhuma garantia de recebimento ou perspectiva de um nível adequado de renda no cenário atual e futuro). Insegurança de renda remete a pensar se essas rendas

são adequadas e se há auxílios de renda quando necessários; (7) Insegurança de representação (carência de direitos individuais em leis e de direitos coletivos para negociar) (KALLEBERG, 2009).

Nos contextos de trabalho, essa precarização caracteriza-se pela falta de regulamentação e pela perda de direitos trabalhistas e sociais, através do incentivo à legalização dos trabalhos temporários e da informalização do trabalho. Ela decorre da ruptura de vínculos empregatícios, incluindo a intensificação de outras condições de trabalho que prejudicam o desempenho do trabalhador, a exemplo da intensificação da jornada de trabalho, da redução salarial, da desregulamentação, do desemprego, que gera os empregos informais, dos empregos terceirizados e da descontinuidade do trabalho (PIALARISSI, 2017).

Para Singer (1996), a precarização do trabalho engloba a exclusão do gozo dos direitos legais de uma considerável quantidade de trabalhadores, causando o agravamento de suas condições. Isso gera insegurança, instabilidade e precariedade dos vínculos trabalhistas, com uma conseqüente desestruturação de identidades formadas por mudanças que geram permanentes incertezas, novas pressões e tensões, além do aprofundamento das desigualdades.

Nas sociedades contemporâneas o desemprego passa a ser compreendido como um estigma de ordem moral, tendo em vista que, por vezes, é reconhecido como fruto de uma imperfeição individual dos sujeitos que não se encontram incluídos no mercado de trabalho. A compreensão de tal aspecto está relacionada àquilo que Organista (2006) compreende como obrigação moral do trabalho, ou seja, nas sociedades contemporâneas, o trabalho, sendo compreendido também como emprego, configura-se como elemento essencial de inclusão dos sujeitos em sociedade, tendo em vista que o fundamento da sociedade produtiva é que cada indivíduo realize uma função que agregue valor, podendo sofrer a punição de não ser reconhecido enquanto cidadão caso não preencha uma posição profissional socialmente aceita (ORGANISTA, 2006).

Ainda de acordo com Organista (2006), principalmente na realidade brasileira, a posição de cidadania do trabalhador está propriamente relacionada à condição da

carteira de trabalho assinada, que surge como uma marca evidente do trabalho, sendo destinada para o cidadão que diretamente coopera para a sociedade. Isso leva a delimitação do trabalhador à ocorrência da carteira de trabalho assinada. Desse modo, os sujeitos que atuam na informalidade, ou seja, sem a carteira de trabalho assinada, embora trabalhem efetivamente, não são reconhecidos claramente na sua condição de trabalhador, tendo por vezes anulada a sua condição de dignidade e cidadania (ORGANISTA, 2006).

Observa-se, então, uma elevação das taxas de desemprego e, ao mesmo tempo, uma maior concentração de renda, devido a uma crescente substituição dos trabalhadores por máquinas. O mercado de trabalho aportado numa ligação assalariada categórica abre espaço a outros contornos para inserção, tendo como exemplo, o trabalho por conta própria, o trabalho temporário, o trabalho em tempo parcial. Tais remodelações implicam na precariedade das relações de trabalho e estimularam profundamente o processo de informalização das relações de trabalho, impulsionando os trabalhadores a se adaptarem a essas novas configurações, atendendo ao formato de contratos flexíveis, aumento das horas trabalhadas e remunerações condicionadas à comercialização e ao desempenho das organizações. As relações de trabalho passam então a ser marcadas por insegurança, instabilidade e uma progressão da pobreza (ORGANISTA, 2009).

Assim, Organista (2006, p. 16) afirma que as transformações no mundo do trabalho suscitam o pensamento de que a precariedade do trabalho segue a “reconversão do paradigma produtivo”, seja ela associada à revolução tecnológica possibilitada pela microeletrônica ou por novos princípios organizacionais. Para o autor, a tendência à precarização ultrapassa a relação de emprego, focalizando os processos de produção, flexibilização e terceirização.

Vargas (2016) ressalta que a precariedade pode se revelar não só por meio da sensação de risco vivenciada em certas condições de trabalho, como também por meio da insatisfação, ou sofrimento e desvalorização experimentados nas relações de trabalho. Pode-se compreender que “relação subjetiva com o trabalho como ofício, com as atividades e conteúdo de uma ocupação ou profissão, constitui, pois,

uma dimensão crucial para apreender a precariedade do trabalho” (VARGAS, 2016, p. 313).

No entanto, uma definição rigorosa da precarização do trabalho, ao se tratar da marginalidade e informalidade, parece não se fundamentar atualmente. Tal fator se deve ao fato de a precariedade não se associar somente às atividades periféricas e marginais. No Brasil, observam-se uma antiga precariedade e uma recente precarização do trabalho que se relacionam para configurar sua contemporaneidade. Dessa forma é importante entender que um dos pilares essenciais da sociedade e da economia do Brasil está em sua grande variedade estrutural, em que existem diversas formas de relações de trabalho (HUGUES, 1996).

Para Hugues, (1996), a precariedade do trabalho, nessa contingência, emerge de uma constante desvalorização de algumas profissões, ocupações ou grupos sociais, dentro de uma classificação social ou profissional; por conseguinte, verifica-se a ocorrência de graus inferiorizados e insuficientes de recompensa financeira e simbólica.

Portanto, como possibilidade de análise, pode-se verificar que a precariedade do trabalho apresenta-se de forma evidente tanto nas profissões que possuem tarefas massacrantes, alienantes e vinculadas a classes mais baixas da população, em que existe a falta de significado nas atividades para quem as pratica, quanto nas ocupações das classes mais favorecidas, em que o trabalho é especializado, efetuado confortavelmente, porém os sujeitos são submetidos a fortes pressões objetivas, exigindo do trabalhador ótimo desempenho e grande responsabilidade (VARGAS, 2016).

Na sociedade contemporânea, a forma de interpretar a precariedade do trabalho está totalmente voltada à valorização dada à ocupação e ao local onde ela é efetuada. Portanto, a precariedade do trabalho não é mensurável somente por uma ciência exata, aplicando indicadores objetivos e operacionais, sendo necessário observar a vivência subjetiva do sujeito no seu ambiente de trabalho, bem como a sua compreensão do universo social (ORGANISTA, 2009).

É nesse sentido que este estudo se justifica, uma vez que tentamos captar as experiências subjetivas dos catadores de materiais recicláveis a respeito do seu trabalho e dos elementos que possam informar sobre sua precarização (ou não).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, descrevem-se os aspectos metodológicos do estudo quanto aos seguintes aspectos: tipo, abordagem e método de pesquisa; unidade de análise, unidade de observação e sujeitos de pesquisa; técnica de coleta de dados e técnica de análise dos dados.

3.1 Tipo, abordagem e método de pesquisa

Para alcançar os objetivos do estudo, realizou-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2009), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de características de uma determinada população ou fenômeno.

A pesquisa recorreu à abordagem qualitativa, devido à dimensão subjetiva envolvida na problemática, bem como o objetivo de estudá-la em profundidade. Tal abordagem diz respeito às qualidades e características não numéricas da coleta de dados e da sua análise (COLLIS; HUSSEY, 2005). Na pesquisa qualitativa, os resultados não se comprovam numérica ou estatisticamente, mas são demonstrados na forma de análises realizadas de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias.

O método de estudo utilizado foi o estudo de caso. Na visão de Yin (2010, p. 32), o estudo de caso possui a finalidade de “investigar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”. Permite, desse modo, compreender questões relacionadas ao contexto social, utilizando-se de observações e interpretações em profundidade sobre as informações fornecidas pelos sujeitos da pesquisa, que, neste estudo, referem-se aos catadores de materiais recicláveis da ASMARE.

3.2 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa

Segundo Collis e Hussey (2005), a unidade de análise envolve variáveis sobre as quais se coletam e analisam os dados de uma empresa ou de um grupo de

trabalhadores, um acontecimento, um processo ou até um indivíduo. Os autores complementam que tais variáveis podem ser organizações, trabalhadores, acontecimentos, métodos e indivíduos. A unidade de análise neste estudo se constituiu pelo sentido que os catadores de materiais recicláveis atribuem ao trabalho que realizam.

Unidade de observação, segundo Babbie (1999, p. 122), compreende “um elemento ou agregação de elementos de que se coleta informação”. Sendo assim, a unidade de observação deste estudo foi a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte – ASMARE.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, de acordo com Vergara (2007, p. 47), “são os que fornecerão os dados necessários”. Assim, foram escolhidos, de forma intencional, oito catadores de materiais recicláveis, sendo a escolha motivada pelos seguintes critérios: acessibilidade e intencionalidade, ou seja, escolheu-se como sujeito de pesquisa aqueles catadores de ambos os sexos, jovens, adultos e idosos, e com tempo de atuação na associação diversificado. Sendo assim, foram escolhidos catadores conforme a possibilidade de acesso e que se enquadraram nas finalidades do estudo.

3.3 Técnica de coleta de dados

Em relação à coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e em profundidade. As entrevistas foram realizadas individualmente. A pesquisadora realizou o convite aos catadores e, mediante o aceite, o processo de entrevistas aconteceu no galpão da ASMARE, em um local que permitia total privacidade. Foram estabelecidos previamente alguns temas para nortear a entrevista, no entanto, foi oferecida ao entrevistado a oportunidade de discorrer o mais livremente possível a respeito do tema solicitado. Mediante a autorização dos entrevistados, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo transformadas em documentos escritos com vistas à eficiência na análise dos dados.

3.4 Técnica de análise de dados

Quanto à análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2011, p. 38), pode ser definida como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Dentro da perspectiva de Bardin (2011), a análise de conteúdo compreende três etapas: a pré-análise, que é a seleção do material e a definição dos procedimentos a serem seguidos; a exploração do material, que é a implementação desses procedimentos; e, por fim, o tratamento e a interpretação dos dados, que se referem à geração de inferências e dos resultados da investigação (BARDIN, 2011).

Para a realização da análise dos dados, foram estabelecidas algumas categorias de análise a partir do material coletado.

4 AMBIÊNCIA DO ESTUDO⁵

Neste capítulo, descreve-se a caracterização geral da instituição pesquisada, bem como a organização interna do trabalho.

4.1 Caracterização geral da ASMARE

A proposta de profissionalização dos catadores surgiu após uma experiência vivida em São Paulo (SP), com a população em situação de rua. Essa experiência foi levada para Belo Horizonte (BH) por duas religiosas que implementaram, em seguida, a Pastoral de Rua, movimento da Igreja Católica que se responsabilizou inicialmente pelo trabalho com os catadores. Em um primeiro momento, houve a necessidade de se criarem vínculos e laços entre os religiosos católicos e a população de rua. Oliveira (2017) afirma que o trabalho, a princípio, tinha caráter evangelizador, no qual se abordavam questões éticas, morais e de relacionamento. Tinha ainda como objetivo demonstrar a solidariedade e tentar resgatar e fortalecer valores da população em situação de rua.

Diante desse quadro, o projeto pensado pela Pastoral de Rua teve como objetivo incluir os catadores e suas famílias nas políticas públicas sociais (assistência social e trabalho e renda). Não havia, nesse período, políticas bem estruturadas que garantissem e defendessem esses direitos, percebia-se ainda a ausência de políticas municipais que tratassem da questão dos resíduos sólidos. Outro ponto de fragilidade era a falta de uma organização dos catadores que os ajudasse a questionar as atitudes violentas do Estado e reivindicar melhores condições de vida e trabalho (OLIVEIRA, 2017).

Os primeiros passos dados pela Pastoral de Rua foram com o intuito de denunciar as posturas violentas e repressoras da polícia e da Prefeitura. Após realizar o trabalho de fortalecimento dos vínculos com os catadores, identificou-se maior periodicidade na realização das reuniões entre a Pastoral e esse público, que foram

⁵ Dados extraídos do Relatório de ações de inclusão produtiva centro de apoio ao trabalhador da ASMARE. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/biblioteca/publicacoes/relatorios-e.../relatorio...asmare>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

organizadas de forma a criar estratégias de ação e repensar seu trabalho em Belo Horizonte. Era perceptível que os catadores não tinham o respeito do poder público municipal e não possuíam as condições adequadas de trabalho e nem mesmo o reconhecimento social (OLIVEIRA, 2017).

Com o tempo, a Pastoral foi crescendo e outras pessoas e movimentos sociais se juntaram à causa, dentre eles a Cáritas, também ligada à Igreja Católica. O movimento originou-se na região central da capital mineira e, posteriormente, se expandiu para outros bairros da cidade. Com isso, surgiu um estágio inicial de profissionalização e organização dos catadores. Observavam-se nesse cenário dois grupos distintos de catadores: o primeiro executava a sua tarefa de forma mais constante e efetiva, enquanto o segundo era de catadores eventuais que tinham sua prática voltada para atender às necessidades emergenciais.

Nesse estágio inicial, ocorriam embates com a Prefeitura e com a polícia. Numa estratégia higienista, as pessoas em situação de rua eram colocadas em abrigos ou outros espaços para manter “certa aparência” do centro da cidade. A polícia e a Prefeitura apreendiam carrinhos e os pertences em atitudes de muita violência. Ainda nesse período, havia muitas crianças, filhos dos catadores, mas que eram pequenos trabalhadores, pois ajudavam na tarefa de catação diária. A postura violenta e desrespeitosa do poder público prejudicava a execução do trabalho e desvalorizava a ação dos catadores (OLIVEIRA, 2017).

Como forma de manifestação, foram organizadas passeatas com a intenção de sensibilizar a sociedade em torno da causa dos catadores. Conseguiu-se com essa ação fazer com que a Lei Orgânica Municipal fosse alterada. A partir de um trabalho intenso, de muita mobilização, aproximação e capacitação, conduzido pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE) foi fundada em 1º de maio de 1990 (ASMARE, 2013). A assembleia de fundação ocorreu no dia 27 de abril de 1990, no salão do Círculo dos Trabalhadores Cristãos, localizado no centro da capital. Nesse dia, dezoito catadores deliberaram pela fundação, aprovaram o estatuto social que vinha sendo discutido há vários meses e elegeram a diretoria, composta por cinco

associados, ou seja, presidente, vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro e secretário.

Nesse contexto, o surgimento da ASMARE decorreu de intensos conflitos urbanos que resultaram em atos públicos junto à Prefeitura e à Câmara Municipal de Belo Horizonte. O trabalho de abordagem aos catadores consistia em uma ação que partia da identificação de uma atividade econômica já desenvolvida por esses sujeitos, embora marginalizada. Pretendia-se, dessa forma, promover o resgate da cidadania dessas pessoas, antes condenadas a viver nas ruas (OLIVEIRA, 2017).

Portanto, a ASMARE é fruto de um intenso processo de mobilização, por meio de atos públicos, caminhadas, ocupações de espaços públicos para triagem de recicláveis e ações junto à Câmara de Vereadores (FREITAS, 2005).

Em 1992, foi realizada a construção de um galpão da ASMARE pela Prefeitura de Belo Horizonte. Os catadores então migraram de uma situação de exclusão e marginalidade para o reconhecimento, por parte do Poder Público Municipal, como parceiros na realização da coleta seletiva.

A organização dos catadores na esfera municipal se consolidou e se expandiu por todo o Estado de Minas Gerais e, em muito pouco tempo, por todo o país. Atualmente, firma-se o Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável – MNCR, garantidor de uma categoria de trabalhadores reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupação – CBO (BRASIL, 2002).

Tais conquistas representaram um marco para a história dos catadores de Belo Horizonte. Em 1993, com a mudança de governo municipal, uma nova equipe da Prefeitura que sempre se mostrou favorável à valorização do trabalho realizado pelos catadores elaborou e materializou o convênio entre a ASMARE, a Pastoral e a Prefeitura. Esse convênio assegurava repasse de recursos para pagamento de funcionários, transporte para a coleta nos grandes geradores e vale-transporte para os associados (DIAS, 2002).

A Prefeitura também desenvolvia importantes campanhas educativas nos espaços públicos para divulgar o trabalho da ASMARE e convocar a cidade a separar adequadamente os recicláveis para a coleta seletiva. Naquela época, tais campanhas faziam apelos no sentido de mostrar a experiência da ASMARE enquanto promoção da inclusão da população em situação de rua, a geração de trabalho e renda e, por fim, uma alternativa para a destinação adequada dos recicláveis. Esses três apelos eram satisfatórios para conquistar a simpatia do público em relação ao trabalho desenvolvido pela associação. Assim, além da importância da Pastoral de Rua na organização dos catadores, a Prefeitura passou a ser vista como sua parceira e apoiadora. Tal prática tornou-se um modelo a ser experimentado por municípios que tinham catadores atuando nas ruas e nos lixões (DIAS, 2002).

A ASMARE abriu sua primeira filial em julho de 1994. A Prefeitura alugou o primeiro galpão com 3.200 metros quadrados, no centro de Belo Horizonte, para efetuar a triagem dos materiais coletados, realocando 85 catadores que antes efetuavam esse serviço nas ruas. O galpão disponibilizava box de separação individual, banheiros, cozinha, locais para reuniões, juntamente com equipamentos como prensas e balanças (DIAS, 2002).

Em 2002, a Prefeitura disponibilizou outro galpão, onde eram feitas as triagens de objetos derivados da coleta seletiva oriunda da Prefeitura. Há alguns anos, a Prefeitura obteve e oficializou o termo de permissão de utilização desse novo galpão por dez anos, sendo que este é equipado com escritório, espaços para triagem, enfardamento, lugar de estoque dos materiais, banheiro, cozinha e outra duas salas à disposição. Recentemente, foram adquiridas máquinas tais como prensas, balança e triturador de papel e vidro (DIAS, 2002).

Segundo Jacobi e Teixeira (1997), a solidificação e o crescimento da associação acarretaram resultados positivos, uma vez que o número de associados passou de 31, em 1993, para 210, em 1997, e a produção, que era de 9 toneladas em 1993, passou para pouco mais de 30 toneladas por mês em 1994, aumentando para 242 toneladas durante o mês de janeiro de 1997.

A Prefeitura, em meados de 2010, deu sinais de que encerraria os convênios e o repasse de recursos para as organizações de catadores do município. O convênio que subsidiava a ASMARE foi encerrado no início de 2014. Devido ao começo dos investimentos financeiros, em 1993, e ao volume de material reciclável que chegava aos galpões, o número de indivíduos inseridos no programa passou de 31 para 355 em 2001 (OLIVEIRA, 2017).

Apesar de o aumento dos investimentos econômicos ter gerado bons resultados, elevando o número de associados concomitantemente à renda destes, não significou uma adesão completa dos catadores ao programa, uma vez que alguns desses sujeitos percebem a padronização social e de produtividade nos galpões como uma barreira à sua liberdade de ir e vir juntamente com o próprio trabalho (OLIVEIRA, 2017).

Com o aumento do investimento na coleta seletiva e a expansão da ASMARE, houve investimento também em capacitações em torno do cooperativismo, efetuadas com os antigos e novos membros da associação. Essas capacitações foram efetuadas durante um longo período de tempo e organizadas pela Prefeitura e a Pastoral (OLIVEIRA, 2017).

Figura 1 – Galpão da ASMARE



Fonte: ASMARE, 2017.

4.2 Organização interna de trabalho

A ASMARE é regida pelo mesmo estatuto desde o seu nascimento, sendo que esse estatuto não restringe o número de associados. O documento de 1990 apresenta as finalidades da associação:

- Apoiar e defender os interesses dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável, favorecendo sua união e organização;
- Representar seus associados judicial e extrajudicialmente;
- Manter serviços de assessoria jurídica, visando à defesa dos interesses e direitos dos seus associados;
- Lutar para que os catadores de papel, papelão e material reaproveitável sejam respeitados na sua atividade e para que esta seja legalmente reconhecida;
- Lutar para que seus associados possam trabalhar com segurança e protegidos da ação de atravessadores, intermediários e outros tipos de exploradores;
- Apoiar a criação de cooperativas que venham a ajudar e reforçar a luta de seus associados.

Esse documento também estabelece as diretrizes de como a associação deve ser administrada; determina a realização anual de assembleia geral; e estipula o prazo de dois anos para o mandato dos membros da equipe de coordenação (OLIVEIRA, 2017).

Dias (2002) afirma que a ASMARE foi fundada em 1990, no entanto, foi somente após 1993 que foi estabelecido um novo relacionamento com a Prefeitura que propiciou a constituição oficial, em 1997, da coordenação colegiada, isto é, um fórum

de construção de estratégias e mediador das ações para contribuir no agrupamento de abordagens diferentes de cada parceiro.

Assim, a administração da associação foi efetivada por alguns anos com o método da cogestão, integrando os catadores nos processos de decisão e gerenciamento. Foi necessário avaliar os riscos provenientes de uma associação paternalista entre a ASMARE e a Prefeitura, e evidenciar os cuidados que os integrantes da Pastoral apresentavam em relação à ASMARE (DIAS, 2002).

A ASMARE, ao contar com o apoio financeiro da Prefeitura, organizava suas tarefas nos galpões, que eram divididos em três setores, havendo 11 trabalhadores contratados que atuavam nesses setores, além dos associados.

4.2.1 O setor de triagem

Esse setor é responsável por controlar os aparatos advindos da coleta seletiva do município e das doações. Sua equipe era composta por:

- Coletores (associados ou funcionários): responsáveis pela coleta em pontos específicos por meio de caminhões locados pela associação e que seguiam a rota estipulada; responsáveis pela organização desses pontos, assim como pela entrega dos materiais no local de triagem;
- Triadores (associados): responsáveis por efetuar a triagem fina, isto é, separar os diferentes tipos de metais, plásticos e papel. Existem papéis de diferentes tipos, e cada um possui uma classificação e um valor específico no mercado. No processo de triagem, os triadores controlam a qualidade para dar seguimento à pesagem, mantendo o acompanhamento junto ao balanceiro, quando, então, ocorre a destinação dos materiais para o local onde se estocava o material solto.
- Balanceiro (associado): responsável por manter o controle sobre a pesagem e organizar os recicláveis nos boxes específicos de triagem,

além de realizar a entrega de recibos e o controle do estoque; pesar os recicláveis, entregar recibos, inspecionar a qualidade do material, assim como colocar em ordem os papéis plásticos e metais, isto é, depositar os recicláveis soltos, organizando por tipo de material, mantendo a limpeza e organização do galpão.

- Coordenador (associado): responsável por “acompanhar a entrada e saída dos materiais na área da triagem, tanto os advindos da coleta feita pela SLU, quanto [a] coleta mecanizada realizada pela ASMARE” (Dias, 2002, p.112); manter o controle da organização e higiene do galpão; inspecionar a qualidade do material; monitorar a pesagem, todo o estoque, o preenchimento das planilhas de controle, bem como dividir as tarefas para os triadores. Responsabiliza-se ainda por averiguar a qualidade do material e reaproveitar do melhor modo possível os materiais, havendo um coordenador para cada galpão. Também é responsável por deixar escritas a produção dos catadores, a coleta, preenchendo as planilhas com informações de quais eram os materiais adquiridos por terceiros juntamente com a entrega dos recibos. Sua tarefa também consiste em manter o controle da entrada e saída dos funcionários, controle do local de execução de todo o trabalho, além de averiguar o estoque e a higiene de cada galpão (DIAS, 2002).
- Prensistas (funcionários e associados): responsáveis por enfadar os recicláveis, promover o controle dos fardos em registro nas planilhas, monitorar a qualidade do material enfardado.

Figura 2 – Armazenagem dos materiais recicláveis



Fonte: ASMARE, 2017.

4.2.2 Setor administrativo

Esse setor é encarregado de promover todo o controle da produção, averiguar as demandas de coleta, encaminhar para o comércio, realizar os pagamentos, passar todas as informações relevantes para as reuniões da diretoria. Segundo Jacobi e Teixeira (1997), o comércio dos materiais recicláveis acontecia por intermédio de dois atravessadores localizados na capital mineira, bem como sete outras indústrias sediadas em outros locais. A fim de aumentar o lucro proveniente das vendas dos materiais, estes eram estocados até atingir uma quantidade elevada que incentivasse melhor os compradores. Desse modo, o comércio acontecia devido à concorrência mantida entre os compradores. O comprador com melhor desempenho era o que mostrava maior agilidade e um preço melhor ao retirar o material comprado (DIAS, 2002).

Em cada galpão, há uma equipe de coleta composta por dois associados: o motorista e o ajudante. Eles recebem do funcionário do escritório o roteiro com nome e endereço de empresas, órgãos públicos, condomínios, bancos, entre outros. O material reciclável é transportado em veículo próprio ou alugado pela própria associação (OLIVEIRA, 2017).

4.2.3 Desdobramento do processo produtivo

O ponto de chegada dos catadores no galpão são os boxes individuais de triagem. É comum os catadores trabalharem com familiares; enquanto alguns buscam os materiais nas ruas, outros ficam nos boxes realizando a triagem. Em seguida, o material é repassado para o setor operacional, onde ocorre a pesagem e prensagem (OLIVEIRA, 2017).

Após sua pesagem, o material triado é depositado nos boxes, conforme o tipo, e uma equipe de prensistas inicia o processo de enfardamento. Os fardos também são pesados e anotados no caderno para controle de pagamento dos prensistas, que recebem pela quantidade de fardos produzidos na semana. Cada galpão possui um escritório e conta com a presença diária de uma associada que controla todo o trabalho, que inclui atendimento telefônico, leitura e resposta de mensagens eletrônicas, elaboração do roteiro de coleta, acompanhamento da negociação dos preços e comercialização, além do pagamento aos associados (OLIVEIRA, 2017; DIAS, 2002).

A sexta-feira é um dia bastante atarefado para as associadas dos dois galpões, uma vez que ocorre o fechamento da produção, o comércio e o pagamento das mercadorias.

O galpão localizado na Avenida do Contorno, em Belo Horizonte, é monitorado por todos os membros da diretoria, que assinam os cheques; já o galpão localizado à Rua Ituiutaba é monitorado pela presidência. No galpão situado à Avenida do Contorno, os registros de pesagem são transferidos para os integrantes do escritório, que promovem o lançamento nas planilhas, fazem a comercialização e auxiliam o tesoureiro na divisão do lucro entre cada associado, catador ou diarista (OLIVEIRA, 2017).

O fechamento da produção é um processo complexo que requer atenção, visto que existem diferenças na maneira de efetuar o pagamento dos associados. Há um grupo que recebe de acordo com a produção, que são os catadores, prensistas e triadores; já o grupo dos diaristas recebe uma quantia fixa e que independe da

produtividade da ASMARE. Desde o começo da operação da associação, o galpão localizado na Avenida do Contorno mantém o pagamento dos catadores relativo à sua produtividade, isto é, o volume total dos recicláveis segundo a quantidade e o tipo. Durante a pesquisa de campo que embasou este estudo, não foi possível averiguar a forma como a associação realiza o cálculo dos valores a serem recebidos pelos catadores, nem mesmo os critérios usados para promover o pagamento dos diaristas (DIAS, 2002).

No segundo galpão, situado à Rua Ituiutaba, o processo é menos complexo, visto que quando o valor da receita semanal é verificado, o associado que responde pela área administrativa estipula quais foram as despesas nesse período. Assim, o que resta é dividido igualmente para todos os trabalhadores daquele galpão, juntamente com o presidente. Quando isso ocorre, o grupo tem o hábito de monitorar a pesagem de todo o material advindo da coleta seletiva e das doações (OLIVEIRA, 2017).

A seguir, procede-se à descrição e análise dos resultados.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise de conteúdo dos depoimentos colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas com os catadores, objetivando o aprofundamento dos resultados qualitativos. Inicialmente, apresentamos um quadro com o perfil dos entrevistados, de modo a oferecer uma visão geral dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Entrev.	Sexo	Idade (anos)	Estado civil	Filhos	Tempo de trabalho com materiais recicláveis	Tempo de trabalho na ASMARE (anos)
E1	F	50	União estável	2	9	9
E2	M	43	Divorciado	4	3	3
E3	F	31	Solteira	2	23	23
E4	M	37	Solteiro	0	4	4
E5	F	42	Solteira	3	15	15
E6	F	45	União estável	6	28	16
E7	M	28	Solteiro	2	12	12
E8	F	66	Viúva	9	58	26

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Os entrevistados foram caracterizados com a letra E, seguida da ordem numérica correspondente à ordem em que as entrevistas foram realizadas.

No que tange ao perfil dos sujeitos, o Quadro 1 evidencia que a maioria deles é do sexo feminino, com idade variando entre 31 e 66 anos; a maioria possui filhos e, quanto ao tempo de trabalho com materiais recicláveis, a média é de 19 anos; em relação ao tempo de trabalho na associação, a média é de 13,5 anos.

Para a análise dos resultados, foram utilizadas as quatro categorias expostas anteriormente, relacionadas ao sentido do trabalho, a saber: a centralidade do trabalho, a função psicológica do trabalho, trabalho e identidade, e a precarização do trabalho. Essas categorias foram definidas, *a priori*, tendo em vista os objetivos do estudo. Dessas categorias, emergiu uma série de subcategorias que se evidenciaram como as mais relevantes para os entrevistados, tendo em vista a frequência com que apareceram nos seus relatos, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Categorias e subcategorias do conteúdo das entrevistas

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Centralidade do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalho representa vida ✓ Cuidado com o meio ambiente ✓ Garantia de futuro ✓ Esperança de vida
Função psicológica do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalho confere dignidade ✓ Sentimento de utilidade ✓ Acesso a bens materiais ✓ Interação social ✓ Sentimento de orgulho pelo trabalho ✓ Bom clima de trabalho
Trabalho e identidade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sobrevivência ✓ Sentimento de alegria ✓ Amor pelo trabalho ✓ Identificação com os colegas de trabalho ✓ Preconceito social ✓ Trabalho organizado
Precarização do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Baixa escolaridade ✓ Condições de trabalho ✓ Trabalho pesado

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Com vistas à melhor compreensão dos resultados, a análise de cada uma das categorias é apresentada de maneira detalhada a seguir, levando-se em conta as subcategorias apropriadas.

5.1 Centralidade do trabalho

Vimos que, desde seus primeiros escritos em torno do tema, Marx (1985) já pontuava que o trabalho é fundamental na vida humana porque é condição para sua existência social. É também por meio do trabalho que o sujeito se constitui enquanto ser social e se reconhece no mundo.

Ao analisar os depoimentos dos catadores de materiais recicláveis da ASMARE, pode-se perceber que todos eles possuem uma trajetória de vida demarcada pela luta da sobrevivência. Desde a infância, convivem com dificuldades em vários âmbitos da vida, sendo a mais expressiva a baixa renda familiar, tornando extremamente difícil o sustento das famílias. Famílias estas que, na maioria dos casos, são compostas por muitos membros, sendo que a boa alimentação, bem

como o conforto e a segurança no que se refere à moradia, não eram comuns entre eles. Nesse cenário, o trabalho era uma necessidade essencial na vida desses indivíduos. A dificuldade de conseguir um emprego honesto e a vivência contínua de situações de desemprego levaram essas pessoas a trabalhar como catadores de materiais recicláveis. Isso aparece, por exemplo, no discurso de E3:

Então, tô aqui desde 94 e eu vim com a família, né? Na época, minha mãe teve uma certa dificuldade de criar a gente por ser mãe solteira e onde que ela foi e pegou a gente e aí ela começou a catar papel na rua. E depois veio pra cá dessa forma. Foi assim que a gente chegou aqui, sabe? Desde que me entendo por gente eu tô perto da reciclagem, da catação (E3).

Observamos que, na sua totalidade, os catadores entrevistados não tiveram a possibilidade de escolher o trabalho de catador de material reciclável. Frente à necessidade de sobrevivência e sustento familiar, a única possibilidade foi a de trabalhar com o lixo produzido pela sociedade para garantir o sustento:

Nós trabalha com lixo, com o que “ocês” joga fora, com o que “ocês” rejeita, com o que num tem valor “procês”, mas que para nós tem muito valor (E4).

Com relação à posição que o trabalho ocupa na vida dos catadores entrevistados, observou-se que este é compreendido por eles, antes de tudo, como um meio de sobrevivência. Mas, além de sustento e sobrevivência, o trabalho é visto como sinônimo de vida, tendo em vista que o consideram como uma “porta aberta” para a inclusão social, pois, para a maioria deles, o indivíduo sem trabalho é marginalizado e considerado como “vagabundo”, termo utilizado por eles para classificar a maneira como a sociedade enxerga a pessoa sem trabalho:

Quem “num” trabalha é vagabundo, “num” é respeitado (E2).

Entretanto, trabalhar desperta também neles um sentimento de utilidade, de estarem vivos e ativos, como vemos nos extratos a seguir:

O trabalho é o centro da minha vida, sabe? Sem ele não me vejo útil, não me vejo viva nesse mundo porque tudo que faço vem dele (E1).

Uma pessoa sem trabalho “num” é nada nessa vida. Trabalho é igual ter porta aberta. Trabalho é vida. Quem trabalha é cidadão, sabe? (E4).

Desde que eu trabalho eu tenho um novo sentido pra minha vida, sabe? Trabalhar muda a vida da gente, só não muda se a pessoa não “querer” mesmo, né? O trabalho resgata a gente, salva a gente (E8).

Todavia, além do sentido atribuído por eles ao trabalho, o que chamou a atenção foi o amor que expressaram em relação à ASMARE. Assim, o sentido atribuído ao trabalho e ao lugar que este ocupa na vida dos catadores entrevistados está diretamente associado às vivências experimentadas na associação, vivências estas sempre postas como positivas, sobretudo por que foi a ASMARE que lhes proporcionou esperança de uma vida melhor. Isso fica evidente nos relatos a seguir:

Foi esse trabalho de catador que me salvou, que salvou minha vida... se “num” fosse ele eu “num” sei o que seria de mim não... sei que sou novo, mas num tinha muita esperança na vida não, sabe? Hoje eu tenho onde morar, o que comer e o que vestir. Quem “num” trabalha é vagabundo, não é respeitado e num tem valor pelos “outro”, e eu não sou assim, eu tenho dignidade, eu sou cidadão como “ocê” é, porque nós “trabalha” e quem trabalha tem respeito dos “outro”. Eu não tenho educação de escola, sabe? Mas, depois que entrei na ASMARE, eu aprendi muita coisa que tem muita gente aí fora que “num” sabe (E2).

Eu sou uma pessoa normal como “ocê”. Não é porque eu trabalho com catação que o meu dinheiro vale menos que o seu. Eu tenho orgulho de ser catador, sabe? Além de trabalhar de forma digna, eu ainda ajudo a cuidar do ambiente (E6).

Eu agradeço demais a associação por tudo que tenho e sou. Hoje eu sou conhecida por muita gente, eu levo as “prática” da catação da nossa associação pra vários “lugar”. Já “té” viajei pra fora do país, sabe? E meus “filho” hoje têm uma condição que eu “num” tive, todos são “formado”. Tenho até um filho fazendo faculdade! (E8).

Esses achados confirmam a visão de Medeiros e Macedo (2007, p. 66) ao destacarem que a atividade de catador faz do sujeito excluído um trabalhador inserido no universo do trabalho, “e isto o diferencia de um favelado ou vadio”.

Os achados deixam evidente também que os catadores entrevistados entraram para a ASMARE devido ao desemprego, às dificuldades impostas pela sua condição social e pela baixa escolaridade, não encontrando espaço em outro trabalho ou profissão. No entanto, percebemos que a experiência, inicialmente associada com a busca de um simples meio de sobrevivência, adquiriu, para eles, o sentido de amor e vida.

Além da própria sobrevivência e da concretização de alguns sonhos materiais, observamos que os catadores descobrem no trabalho o sentimento de utilidade e de cuidado com a natureza. Percebem essa relação entre a atividade que realizam, a sociedade e a natureza, como uma fonte de prazer, tendo em vista que eles reconhecem de forma clara que o seu trabalho contribui para o cuidado com o meio ambiente, possibilitando maior qualidade de vida para a sociedade, que por vezes se mostra perversa, não reconhecendo essa importância:

Eu tenho orgulho de trabalhar com reciclagem porque “tô” cuidando do mundo, do ambiente, e tem muita gente lá fora que mata o ambiente, que é estudado, mas “num” tem conhecimento da atitude deles e muito menos da nossa, que é muito importante para garantir o futuro de muita gente (E1).

Nós catadores cuidamos do meio ambiente, da sociedade, cuidamos pro mundo não acabar rápido, e tem muita gente que “num” vê isso. Aí, olha pra nós com descaso ou nojo. Eu sei do tanto que meu trabalho e dos meus “colega” é importante pro meio ambiente, pra ajudar a preservar (E2).

O que nós “faz” ajuda o meio ambiente, eu tenho consciência que meu trabalho ajuda a cuidar do meio ambiente, ajuda a cuidar da sua vida e da vida de um tanto de gente, mas tem muita gente que não sabe disso e que, às vezes, não dá valor para nós (E3).

Contribui muito com o meio ambiente, com o cuidado com o mundo. Nós aqui da catação “sabe” o mal que faz para o mundo o tanto de lixo que o povo gera e como ele é jogado fora. Aqui, nós “sabe” como reciclar, aonde colocar cada coisa e o mal que cada um faz. Aqui, nós “tem” consciência do lixo e do nosso papel na vida. Nós “ajuda” você, seus “filho” e todos que vierem pela frente porque nós “tem” consciência do que é certo e do que não é (E7).

Nesse sentido, o trabalho não é somente um meio de sobrevivência e uma forma de adquirir bens materiais, mas assume para esses sujeitos um sentido universal, levando-os a se identificarem com o que fazem e serem identificados mediante as atividades que realizam. Especialmente por ser realizado no contexto de uma associação, o trabalho lhes oferece um senso de realidade, de pertencimento, de socialização, que são fundamentais, já que não podem ser alcançados por meio de qualquer outra atividade ou instituição (CLOT, 2006)

5.2 A função psicológica do trabalho

Vimos que o trabalho assume uma funcionalidade psicológica para o sujeito por meio do patrimônio que ele “fixa e na atividade conjunta e dividida necessária para a

conservação e renovação desse patrimônio” (CLOT, 2006, p. 80). A função psicológica do trabalho é crucial, uma vez que este assume o papel de conservação e de transmissão e um meio de inventar e renovar.

Observou-se também que o trabalho ocorre entre a atividade e a subjetividade do indivíduo. Subjetividade e atividade não podem ser vistas de forma separada, pois, ao mesmo tempo em que o indivíduo intervém no mundo, ele constrói e reconstrói esse mundo enquanto se autoconstrói (CLOT, 2006).

O sentido que os catadores de materiais recicláveis atribuem ao trabalho associa-se, principalmente, à oportunidade de sobrevivência e sustento. Por viverem em situações precárias, além de não terem acesso com facilidade nem mesmo a alimentos, por meio do trabalho eles conseguem adquirir bens que antes eram inalcançáveis. No entanto, esse sentido ultrapassa a mera sobrevivência, pois, como vimos, mesmo admitindo não ser uma atividade fácil, os catadores entrevistados percebem o trabalho como fonte de vida, prazer, dignidade e orgulho. Por mais que o preconceito da sociedade seja ainda observado, eles se sentem respeitados por estar realizando um trabalho honesto, o que pode ser identificado nos discursos a seguir:

Trabalho é vida. Quem não trabalha, não vive ou vive só pela metade. Trabalho traz pra nós tudo que nós precisamos, seja as coisas “material” e as que não são “material”; quanta gente tem depressão quando tá fora do trabalho. Ninguém consegue viver sem o trabalho, ele é importante demais pra todo mundo. Nosso trabalho é honesto (E1).

O trabalho me devolveu respeito, vontade de viver, alegria de acordar e sair pra fazer minhas “coisa”. Hoje, eu tenho respeito dos “outro”, entro nos “lugar” e ninguém me “olha torto”. Trabalho honesto e digno, não faz mal pra ninguém e me faz sentir importante e conseguir. Viver sem trabalho “num” é viver. Trabalho é vida, trabalho te abre as “porta”, faz os “outro” te respeitar, faz “ocê” ter contato com outras “pessoa”, saber mais das “coisa” do mundo (E2).

Hoje, eu moro em um barraco que eu mesmo banco o aluguel, eu não passo fome, eu não passo sede e eu compro roupas. Trabalho com dignidade e honestidade (E4).

Ah, tem muito sentido! É um trabalho bom, né? Eu aprendi muita coisa mexendo com lixo, né? Eu aprendi não jogar lixo na rua, eu aprendi a conservar os “lugar” que a gente tá, não pisar na grama, né? Essas coisas... aprendi muita coisa trabalhando aqui. Eu falo que eu trabalho aqui e falo com muito orgulho disso (E5).

Diante disso, é possível perceber que o catador se vê por meio do trabalho como alguém incluído socialmente, tendo em vista que a ênfase maior nas respostas se refere à dignidade que percebem no que fazem, além da possibilidade de encontrar seu lugar na sociedade.

A esse respeito, Clot (2006) salienta que ao trabalhar o indivíduo não age apenas sobre o seu meio, mas também sobre si mesmo, uma vez que, para o autor, a atividade do trabalhador não é uma simples reação. Ela é uma espécie de filtro subjetivo que proporciona um sentido para a vida do sujeito. O autor enfatiza também que a subjetividade precisa ser compreendida a partir da dinâmica dos afetos e do intelecto, sendo compreendida como situada no interior da atividade. O sentido da atividade atribuído pelo sujeito reside, portanto, na relação entre o objetivo imediato da ação e a motivação da atividade (CLOT, 2006).

Tudo indica que os catadores encontraram no seu trabalho um refúgio (“hoje eu vejo que o trabalho é minha salvação” – E5), mesmo que a catação não altere as condições de desigualdade social. Ficou evidente, embora de forma tímida, que tal atividade possibilita a inserção social, pois o sujeito que antes era visto como um marginal perante a sociedade, hoje, tem condições de viver de forma digna.

Ressalta-se ainda, diante dos achados, que a ASMARE possibilitou aos catadores uma estrutura de trabalho mais adequada e, devido à melhor organização do trabalho que lhes proporciona, permitiu que tivessem ganhos materiais e sociais. Todos esses elementos despertam nos entrevistados sentimentos de realização, gratidão e utilidade. Ademais, os catadores afirmaram possuir uma boa relação com os colegas de trabalho, relatando serem pessoas alegres e divertidas, possuírem sentimento de amizade e ajuda mútua, apesar de trabalharem em um local sujo, devido à própria natureza da função. Tudo isso possibilita um ambiente de trabalho solidário e harmonioso, durante a maior parte do tempo, conforme os seguintes relatos:

Enquanto nós “trabalha” nós “tá” falando sobre coisas da nossa vida, um ajuda muito o outro. Eu hoje posso dizer que sou feliz, sou bem feliz pelo trabalho de catação, porque é por causa dele que eu sou o que sou, estou vivo e voltei a viver dignamente. Aqui na associação a gente trabalha e se

diverte ao mesmo tempo. Eu “num” penso em sair da ASMARE não. Só saio daqui quando Deus quiser ou se a associação fechar (E2).

A relação de amizade que nós “constrói” aqui, essa relação é muito forte. Eu já tentei sair daqui algumas “vez”, mas “num” consigo, isso aqui vicia. E uns somos pelos outros (E3).

Hoje eu vejo que o trabalho é minha salvação, se “num” fosse ele, eu talvez não “taria” vivo aqui falando com “ocê”. Teria voltado para a “vida louca”, fazendo coisa errada e mexendo com droga. Tenho amigos, tenho respeito, dignidade, sou cidadão, tenho gratidão pelo que o trabalho me devolveu (E5).

Eu sinto orgulho de dizer que faço parte da associação, que sou catador e que sou honesto. Hoje em dia, eu tiro de letra, eu tenho orgulho quando as pessoas perguntam com o que eu trabalho. Eu falo com orgulho que eu trabalho com reciclagem. Aí posso contar sobre o processo: eu preno materiais recicláveis, vem da rua, as mulheres triam, jogam no box, pesam, “leva” para o operacional. Nós “prensa” e da prensa é levado para as empresas maiores que dão destino para o material (E8).

Portanto, para conhecer o sentido que esses trabalhadores atribuem às atividades que realizam, é preciso considerar a relação que eles mantêm com elas. Só assim é possível entender como conseguem perceber de forma tão diferente uma atividade considerada por boa parte das outras pessoas como degradante.

Tudo isso nos remete às colocações de Vieira, Barros e Lima (2007), quando argumentam que compreender o trabalho dentro da esfera genérico-humana, que muda a natureza e o próprio homem, permite constatar os processos de subjetivação que acontecem nesse contexto. Por intermédio do trabalho, o indivíduo pode se reconhecer e, ao mesmo tempo, usando a alteridade, buscar o reconhecimento do outro.

5.3 Trabalho e identidade

Observou-se que o trabalho é uma atividade que integra a construção da identidade do sujeito e a sua socialização. Ele envolve o valor que o sujeito atribui a si próprio, suas representações e o lugar que ocupa no mundo (MORIN, 2004).

Ao analisar como o trabalho desempenhado contribui para a construção de identidade dos catadores, pode-se perceber que, em primeiro lugar, estes ressignificam o lixo, pois este deixa de ser material supérfluo e descartável, passando a ser fonte de renda e sobrevivência. Ao se identificarem com o trabalho

que realizam, vendo nele uma fonte honesta e digna de sobrevivência, os catadores reconstróem sua identidade, inserindo-se de outra forma nas relações sociais de produção.

Sendo assim, observou-se que o lixo adquire um sentido ampliado ao se tornar a base de onde os catadores retiram seu sustento, permitindo que sejam realocados na cadeia produtiva, por meio da reciclagem. Eles deixam de caracterizá-lo negativamente e de associá-lo com a sujeira, ou seja, aquilo que é rejeitado pelas pessoas é percebido como algo gerador de valor pelos catadores. Ao fazerem isso, passam também a se valorizar e a atribuir importância ao que realizam. É o que se evidencia nos extratos a seguir:

Mesmo que para muitos o nosso trabalho parece ser sujo, nojento, cheio de imundice, é daqui que nós “tira” o nosso sustento e é daqui que tiramos a nossa dignidade e o respeito dos outros com “nós” (E3).

O nosso trabalho é digno, é limpo, é trabalho como outro qualquer, é ele que me dá conforto, que me dá o que comer, onde morar e me faz comprar as coisas que preciso. É trabalho como todo outro. Mas infelizmente tem muita gente que tem preconceito, que desrespeita, e eu fico com pena dessas pessoas porque não sabem nada do nosso trabalho. Eu quero ficar aqui até aposentar e, mesmo se aparecer alguma coisa lá fora pra mim, eu não vou porque amo esse trabalho, me identifico com ele, com os colegas aqui e com a forma como nós “trabalhamo” aqui. Trabalho é vida, trabalho é alegria, mesmo quando trabalho duro (E1).

Antes da associação, eu vivia mais na rua ou na casa de conhecido. Hoje, não. Hoje, eu tenho meu barraco e pago o aluguel dele. Eu não passo fome e compro roupa e outras coisas, tudo com o dinheiro que vem da associação. As “porta” de emprego “num” abria pra mim, sabe? Porque “num” tenho estudo, porque “num” tinha morada fixa, “num” tinha boa aparência e as “pessoa” “num” “dava” nenhuma oportunidade. Às vezes, nem gostava de receber a gente pra fazer o cadastro de emprego. Esse trabalho é minha vida, é motivo de muita alegria, as minhas amizades “tão” aqui, o meu ganha-pão “tá” aqui, o respeito que vocês têm por mim vem daqui. A associação faz parte de mim e trabalho aqui com muito gosto (E4).

Tenho muito orgulho de poder dizer isso: meu trabalho na associação me dá condição que criar meus filhos, de educar meus filhos, de manter a minha casa e fazer tudo que todo mundo faz quando trabalho. Não tem diferença, o dinheiro que ganhamos desse trabalho para o dinheiro que “ocês” ganham fazendo o de vocês (E6).

Com meu trabalho eu ajudo a minha mãe a manter a casa, eu pago pensão para minhas filhas, compro roupas, saio final de semana. Hoje, faço economia para construir meu barraco e ter a minha casa, a minha independência. E vou fazer isso com o trabalho de catação, com o trabalho digno e honesto (E7).

Salienta-se que as trajetórias profissionais constituem parte de expressivo significado no processo de viver desses trabalhadores, seja pelo tempo a elas dedicado, seja pela sua importância. As fragmentações nesse percurso laboral se mesclam, inevitavelmente, à própria trajetória de construção identitária, que precisará ser retomada e recriada constantemente.

A partir do discurso dos entrevistados, percebe-se que o trabalho do catador ainda é visto com preconceito por boa parte da sociedade, sendo considerado menos digno ao ser comparado com outras profissões. A atividade de manusear o lixo rebaixa o trabalho, na compreensão de muitas pessoas, e, por consequência, desvaloriza os sujeitos que o desempenham, uma vez que trabalham com a sujeira, o mau cheiro e objetos que são considerados impróprios para serem utilizados. No entanto, por mais discriminada que seja, essa atividade permite aos catadores construir sua identidade, percebendo-se como trabalhadores, mesmo reconhecendo os aspectos negativos presentes na atividade.

Ainda tem gente que tem preconceito com o nosso trabalho, sabe? Mas eu “num” ligo. Eu faço com prazer porque é honesto, é digno, é trabalho como qualquer outro. A diferença é que a gente trabalha com reciclagem. Preconceito com relação a nós ainda tem, mas melhorou muito porque hoje nós sabemos impor quando sofremos preconceito, nós conseguimos mostrar o nosso valor e a função do nosso trabalho. Aí, as pessoas mudam o tratamento porque nós não calamos, nós falamos de igual pra igual com eles porque nosso trabalho é digno e merece respeito (E1).

O povo lá fora que “num” conhece a gente pensa que tudo aqui é bagunça, é sujeira, mas “num” é não. Dentro dessa desordem que todo mundo acha que aqui dentro tem, nós “faz” a nossa ordem, nós “consegue” pôr ordem no nosso trabalho. Quem de nós vai fazer o quê e em que hora deve fazer (E3).

Mas eu vejo preconceito de algumas pessoas também porque, às vezes, estamos sujos, suados e mexendo com lixo. Aí, as pessoas ficam com nojo, com vergonha e se afastam da gente (E5).

Ainda tem gente que “num” respeita o nosso trabalho, sabe? Acha que porque nós “trabalha” com separação de lixo, de material que os “outro” “num” “aproveita”, nós “catador” “somo” igual ao lixo. E nós não “somo” igual lixo, nós “num” “somo” lixo. Nós “é” gente como você é, como qualquer outra gente, mas a diferença é que nosso trabalho é esse, separar material. E “ocês” deviam ficar orgulhoso porque eu tenho esse trabalho aqui que faço como a coisa mais importante na minha vida (E8).

Assim, apesar de o trabalho com materiais recicláveis ainda ser visto por muitos com preconceito, os catadores sentem que ele exerce um papel essencial em sua vida. Para eles, foi essa atividade que lhes conferiu identidade, direitos e a possibilidade

de viver dignamente, além de passarem a ser respeitados por uma parte da população que mudou seu olhar para aqueles que a realizam.

Com relação à organização do seu trabalho, os catadores chegam à associação por volta de 9 horas da manhã, realizam todas as refeições em um local próprio e retornam para casa ao final do expediente. Sabem de suas responsabilidades e organizam o trabalho de forma que todos alcancem suas metas ao final da semana, quando ocorrem o fechamento da produção, o comércio e o pagamento das mercadorias. Eles ressaltam que não é possível manter o local limpo e organizado, pela natureza da atividade, contudo, avaliam que, embora pareça um local desorganizado e cheio de lixo, para eles, se trata de renda e de trabalho.

Aqui todo mundo é próximo, mas todo mundo sabe das “responsabilidade” que tem e que se “num” trabalhar, “num” produzir, “num” tem dinheiro no final da semana. Aqui todos nós “sabe” o que tem que ser feito e “num” fica esperando o outro mandar fazer, cada um tem suas “responsabilidade” e cumpre (E1).

Tudo tem organização aqui dentro, e nós “respeita” essa ordem, por isso o trabalho tem resultado e nós conseguimos o nosso dinheirinho. Nós “tem” disciplina, “tem” ordem, “tem” organização e tudo aqui funciona, tanto é que nossa associação é referência, nosso trabalho é referência, nós “lutamo” muito pra chegar onde “chegamo”. Aqui nós “tem” horário para chegar e para começar a trabalhar, e pode não parecer pra quem “tá” lá fora, mas nós “tem” muita responsabilidade, nós “sabe” que o nosso dinheiro no final da semana depende da nossa produção, do tanto que “vamo” trabalhar, que “vamo” dedicar para fazer a separação (E3).

Além de nós “receber” o nosso salário toda semana aqui, o trabalho é organizado, nós “respeita” uns aos “outro” e nós “tem” valor (E6).

Oh, hoje, como é segunda, a gente vai embora mais cedo, final de semana, ressaca, né? E tudo! Então, a gente “vão” embora um pouco mais cedo, mas geralmente a nossa casa é aqui. Nós “chega” aqui às 9 da manhã e tem dia que a gente sai daqui quase 8 horas da noite (E8).

Além disso, alguns dos entrevistados reconhecem que o trabalho na catação os resgatou da morte, dizendo que, se não fosse por ele, seria impossível se tornar a pessoa que se tornaram. Os catadores conseguem perceber todo esse sentido na sua atividade, embora observem que boa parte da sociedade ainda a enxerga como degradante. Além de importante para si mesmos, consideram o que fazem como fundamental para o meio ambiente.

Antes da associação, eu vivia perdido, minha vida “num” tinha sentido. Só queria saber de beber e mais nada. E o pior é que eu “num” tinha dinheiro

pra sustentar meu vício. Aí precisa fazer coisa errada, sabe? Hoje, não! Depois que conheci a associação, minha vida mudou de vez, mudou pra melhor. Hoje eu tenho um trabalho honesto, digno, ganho meu dinheirinho sem fazer coisa errada e as pessoas hoje me “respeita” (E6).

Eu comecei a beber muito cedo, acho que com uns 9 anos. Cheguei a tomar álcool puro no bico e fazia qualquer coisa por uma bebida. Fui mãe muito cedo sem saber o que é ser mãe, eu só colocava o menino no mundo e pronto. Depois que entrei na ASMARE, parei de beber, arrumei um trabalho digno e virei gente. Conquistei minha dignidade, o respeito das “pessoa”, e foi aí que aprendi o verdadeiro sentido de ser mãe, porque antes eu “num” era não, sabe? (E8).

5.4 A precarização do trabalho

A primeira evidência sobre as condições precárias de trabalho se confirma quando se observa que os catadores convivem com o mau cheiro dos gases provenientes do lixo que manuseiam nas esteiras, pois este chega, muitas vezes, sem a devida separação. Esses trabalhadores estão expostos a riscos como doenças e acidentes, pois, apesar de existirem equipamentos de proteção, sabe-se que nem todos os utilizam. Retomando o tema já debatido neste trabalho, salienta-se que o estigma, um elemento psicológico, também contribui para a precariedade do trabalho, uma vez que essa característica diminui a atenção do Estado em relação a esse trabalhador.

A precarização do trabalho caracteriza-se ainda pela falta de regulamentação e perda de direitos trabalhistas e sociais, através do incentivo à legalização dos trabalhos temporários e da informalização do trabalho. Um fator importante é a categorização da precariedade do trabalho decorrente da ruptura de vínculos empregatícios ou de sua descentralização, incluindo a intensificação de outras condições de trabalho que prejudicam o desempenho do trabalhador, a exemplo da ampliação da jornada de trabalho, a redução salarial, a desregulamentação, o desemprego, que gera empregos informais, os empregos terceirizados e a descontinuidade do trabalho (PIALARISSI, 2017).

Nesse último aspecto, pode-se afirmar que os catadores, em certo sentido, caminham para o lado oposto da precarização, pois estão edificando sua história e firmando sua área de atuação, posto que o reconhecimento como categoria profissional foi oficializado no ano de 2002 e sua ocupação foi registrada na

Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o número 5192-05, sendo descrita como “catador de material reciclável”. No ano de 2003, o Governo Federal criou o comitê de inclusão social de catadores de lixo. O comitê teve por objetivo instituir projetos visando assegurar condições dignas de trabalho e vida aos catadores de lixo. Além disso, pretendia dar suporte à gestão e destino correto aos resíduos sólidos nos municípios do Brasil.

Os catadores da ASMARE entrevistados atuam na associação, em média, há 19 anos. Todos eles expressam amor e gratidão pela associação, identificam-se com o trabalho e argumentam exercer suas atividades sob um bom clima de trabalho, como evidenciado nos extratos a seguir:

Acho que já tem uns 9 anos que “tô” na associação e “num” pretendo sair daqui antes de aposentar (E1).

Conheci a ASMARE porque um colega meu me via perdido na vida e falou assim: “porque você ‘num’ dá um ‘pulo’ na associação pra conhecer o nosso trabalho? Vai que você gosta e quer ficar?” Foi assim que vim parar na ASMARE. Já conheço a associação faz 3 anos e, desde que pisei aqui, sou outro homem. Aqui tem trabalho todo dia, aqui tem respeito dos “colega”, aqui somos uns pelos “outro”, aqui nós “é” uma família, coisa que sempre senti falta (E2).

A ASMARE tem 27 anos, eu tenho 31, eu “tô” aqui desde os 8 anos, desde criança mesmo, eu não conheço outra coisa a “num” ser a ASMARE. Já passei por quase todas as “área” da associação, sei fazer tudo aqui dentro porque são muitos anos vividos. É a vida inteira aqui dentro, eu não acho que sei fazer outra coisa e se gostaria de outra vida lá fora se não fosse a associação (E3).

Estou na associação já faz 4 anos e sou muito feliz aqui. Feliz porque pago as minhas “conta” em dia, porque não me falta do que comer e vestir, sabe? Porque o trabalho que faço aqui me faz sentir importante, porque cuido do meio ambiente e também porque não sou comparado com vagabundo (E4).

No entanto, mesmo diante desse olhar predominantemente positivo pelos catadores da ASMARE, não há como ignorar que as condições em que exercem seu trabalho ainda são consideradas precárias, tendo em vista que os riscos à saúde são inúmeros na atividade de catação, além da má remuneração, da exposição a preconceitos e da falta de reconhecimento profissional.

Os catadores entrevistados tiveram pouco acesso ao estudo. A baixa escolaridade e a falta de residência fixa foram consideradas fatores que impediram sua entrada no mercado formal de trabalho. O cenário de desemprego apresenta-se como fator

primordial para a inserção na atividade de catação, uma vez que os entrevistados a consideram como a única alternativa para a obtenção de renda, sustento e sobrevivência. É nesse sentido que ela aparece como a salvação de suas vidas, sendo a única saída encontrada para a situação precária na qual se encontravam no momento em que decidiram iniciar na catação. É isso que se verifica nos discursos a seguir:

Não sou estudado, sabe? Comecei, mas não segui adiante porque desde pequeno tinha que trabalhar pra ajudar em casa. Ou trabalhava ou estudava. Aí, fui trabalhar, senão morria de fome ou passava falta em casa. Mas sei assinar meu nome, e isso já é alguma coisa. Sempre trabalhei com trabalhos que o povo não aceita muito, sabe? Aqueles “trabalho” que pouca gente busca fazer ou quem faz é que “num” tem outra oportunidade. Aí, vai e faz aquilo mesmo. Eu já limpei lote, já fiz muito serviço de chapa, fiquei vigiando carro nas rua, mas tudo sem garantia nenhuma. Tinha dia que dava um dinheirinho, tinha dia que voltava pra casa sem um centavo. Já passei muita dificuldade nessa vida (E2).

Eu vim pra associação porque minha mãe trouxe nós todos, não tive outra opção, mas quando fiquei grande poderia ter saído daqui e tentado outras coisas lá fora, mas não quis. Por que eu não quis? Porque eu gosto disso aqui, porque isso aqui é vida, porque eu sou dona do que eu faço e sei das minhas responsabilidades. E uns somos pelos outros (E3).

Eu não sou formado, fui até a quinta série, mas sei ler e escrever, e ninguém me faz de bobo. Mas não achei nenhum trabalho diferente da catação, por isso “tô” aqui até hoje e, pra falar a verdade, não tenho vontade de sair porque aqui consigo tudo que preciso (E4).

Eu procurei a pessoa da Regional porque, quando eu morava no viaduto, a gente não tinha endereço, né? Aí não conseguia emprego. Aí, eu queria um jeito de como sustentar e manter a minha casa, né? Porque a casa eu já tinha, né? Eu queria um meio de manter ela. Foi então que [alguém] lá da Regional ligou pra Pastoral e a Pastoral arrumou aqui pra mim (E5).

No que tange à avaliação das condições de trabalho, os entrevistados consideram a atividade como um trabalho pesado, no sentido de uma tarefa árdua para ser executada e também devido ao próprio fato de carregarem materiais pesados e atuarem em uma jornada de trabalho intenso.

Ademais, alguns entrevistados demonstraram preocupação com o fato de as empresas estarem privatizando materiais recicláveis, o que prejudica diretamente o trabalho dos catadores, conforme os relatos a seguir:

O que acho desse trabalho é muito pesado e quase ninguém reconhece e respeita (E1).

Também não é um trabalho muito fácil, tem que gostar, tem que ter dedicação, porque às vezes a gente pega muito peso, quanto mais nós “produz”, mais dinheiro nós “ganha” (E2).

Eu espero assim que melhore, né? Porque, devido à crise, o galpão “tá” muito vazio, talvez porque as empresas estão privatizando mais a reciclagem e as empresas “tão” vendendo material e então prejudica a gente, pelo fato de eles “tão” tirando o nosso ganho, e se a pessoa tirar da gente, isso prejudica muito a associação. Tanto quem depende da associação como quem vive dela também, né? Porque é complicado, né? A gente “tá” aqui há tanto tempo e fazer isso com a gente é muito difícil (E3).

Mas o nosso trabalho de catador não é fácil, é duro, é pesado, mas nós “gosta” de fazer o que faz (E4).

É pesado, na verdade, assim, é pesado porque a gente tem que puxar as “bomba”, mas hoje não tem mais que puxar peso porque a gente tem empilhadeira (E5).

É possível observar que os catadores trabalham em condições duras e insalubres, no entanto, eles não conferem importância às doenças relacionadas ao contato com o lixo ou aos acidentes de trabalho associados a essa atividade. Eles somente consideram acidentes graves ou doenças aqueles acometimentos que os afastem da atividade. O risco iminente de doenças, bem como de pequenos cortes ou escoriações não é relevante para eles.

Diante de tais argumentos, Porto *et al.* (2004) ressaltam que a grande carga física da catação, o manuseio do lixo e a rotina de trabalho são fatores que contribuem para o aparecimento de algumas doenças relacionadas ao trabalho, sendo elas: dores na coluna, no pescoço, nos ombros e membros inferiores e superiores, problemas relacionados a articulação e hipertensão.

Se formos fazer uma breve conclusão a respeito desses resultados, veremos em cada fala aqui apresentada, seja quando se aponta o sentido psicológico do trabalho ou no âmbito da sua centralidade, a relevância e o significado da categoria trabalho na realidade de cada sujeito pesquisado. Todos apontaram que o trabalho teve impacto direto em suas vidas: no processo de construção e reconstrução da sua identidade, no rompimento com algum vício, no processo educacional dos filhos, na construção de novos vínculos afetivos e mesmo na autotransformação. Um dos entrevistados chegou a dizer que “virou gente”, ou seja, o trabalho foi de fato um elemento de humanização.

Portanto, o sentido do trabalho que mais se evidencia é aquele de uma autoconstrução pela via das ações no mundo, permitindo o alcance da dignidade, do sentimento de utilidade e da participação efetiva em um projeto essencial para a sociedade.

A título de ilustração, segue um estudo de caso individual: O sentido do trabalho para Dona G.

5.5 O sentido do trabalho para Dona G.

Dona G. nasceu na cidade de Belo Horizonte, no aglomerado Pedreira Prado Lopes, em 1951. Ela relata que não é filha única, mas não comenta o número de filhos dos seus pais, dizendo que todos os irmãos que nasceram antes dela morreram de desnutrição, sendo que ela não chegou a conhecê-los.

Seus pais eram lavradores na cidade do Serro (MG), cidade onde nasceram, mas decidiram se mudar para Belo Horizonte, na década de 50, em busca de melhores oportunidades. Ela conta que ficou órfã de pai aos três meses de idade, mas não relata a causa da morte. A mãe, sem ter parentes na capital, sem moradia, sem renda e com a filha para cuidar, passou a mendigar nas ruas de Belo Horizonte.

Passaram-se os anos, mas não a condição de miséria em que as duas viviam. Para sobreviver e ajudar a mãe, apesar de estar com apenas oito anos, começou a catar papel junto com outras cinco meninas que moravam no mesmo aglomerado. Essa decisão, segundo ela, foi pelo mal-estar que sentia ao ver sua mãe sendo constantemente humilhada quando pedia esmolas. Além disso, percebeu uma oportunidade de obter uma renda naquele tipo de atividade, melhorando a vida de ambas.

No entanto, apesar da miséria, considera que sua infância foi ótima. Frequentava muito o Parque Municipal de Belo Horizonte para brincar e relata que pegava carona na traseira de ônibus para chegar até lá. Apesar do perigo, adorava a experiência. De manhã, catava papel e, à tarde, brincava, pois não ia à escola.

Não se estendeu muito nos pormenores da sua infância, dizendo apenas que, apesar de toda a dificuldade, da falta de recursos, da discriminação e dos perigos vividos, considera que foi um período muito bom da sua vida.

Ela também não conta muitos detalhes sobre a adolescência, mencionando apenas que foi nessa época que conheceu o seu marido, Sr. J. Este era trabalhador terceirizado de uma grande empresa, e o seu trajeto para ir e vir do trabalho passava exatamente pelo local onde ela catava papel. Ela diz que ele procurou se aproximar dela com muito cuidado, tentando conversar, mas ela não lhe deu “abertura”, pois o achava “muito chato e inconveniente”.

Sr. J. era bem mais velho e lhe dava conselhos para que saísse das ruas, parasse de beber, fumar e pegar carona na traseira de ônibus. Todos esses comentários a incomodavam, pois achava que ele era atrevido ao dar palpites sobre sua vida, mesmo sem conhecê-la. Até que um dia, depois de muita insistência, ela decidiu aceitar seu convite para irem ao cinema. No entanto, achou melhor não ir sozinha, levando quatro amigas que também catavam papel com ela, para defendê-la, caso fosse necessário. A partir desse encontro, continuaram a sair com frequência e, aos 16 anos, foi morar com ele.

Sua decisão de morar com Sr. J. não mudou seus hábitos, continuando a trabalhar nas ruas, além de beber ou fumar. Ou seja, manteve sua rotina de sair bem cedo de casa e voltar ao cair da tarde, fato que incomodava o companheiro. O casamento permanece até hoje, tendo já completado 50 anos de união. Tiveram 12 filhos, embora somente 9 tenham sobrevivido, sendo que Dona G. sente muito orgulho por tê-los criado e educado com o dinheiro proveniente da catação de papel. Ela comenta que, inicialmente, sua preocupação era a de que não passassem fome, não se importando com vestimenta, calçado ou mesmo com a escola. Assim, toda a sua dedicação e esforço inicial em relação ao trabalho era no sentido de garantir que as latas de mantimento estivessem cheias e a família não passasse fome, como aconteceu na sua infância.

Segundo ela, sua concepção a respeito da maternidade era bem limitada e se restringia à questão da alimentação, sendo somente após o nascimento de filha

mais nova é que descobriu o verdadeiro sentido e a responsabilidade de ser mãe, começando a enxergar o seu papel de forma diferente. Desde então, passou a perceber melhor os filhos e, além de colocar o alimento dentro de casa, descobriu o “verdadeiro amor de mãe” e a importância do bom exemplo dado por ela e pelo marido. Percebeu também que a educação e a frequência à escola eram importantes, ao proporcionar aos filhos a possibilidade de conquistar melhores condições de vida.

Desde então, passou a entender melhor o seu papel de mãe, exercendo-o verdadeiramente e preocupando-se com detalhes que não considerava importantes, mas que faziam toda a diferença na vida dos filhos. Relata com muita alegria e orgulho que todos tiveram a oportunidade de estudar e se formar no ensino médio. Hoje, trabalham e constituíram suas próprias famílias.

Ao resgatar sua história, Dona G. sempre percebe o grande entrelaçamento entre suas experiências e a história da fundação da primeira associação de catadores de Minas Gerais, a ASMARE, pois foi desde esse momento que, segundo ela, passou a se sentir reconhecida e verdadeiramente “cidadã”. Quando menciona os momentos importantes de sua vida adulta, sempre remete ao período em que ocorreu a fundação da ASMARE, lembrando-se do trabalho desenvolvido por ela na associação, ao qual atribui um profundo significado.

Anteriormente à ASMARE, ela se recorda somente das dificuldades que um catador de papel enfrentava nas ruas de Belo Horizonte, envolvendo discriminação, espancamentos, xingamentos, muita hostilidade por parte da sociedade. Relatou, inclusive, um fato que a marcou muito, quando os fiscais da Prefeitura atearam fogo em um galpão onde os catadores guardavam os carrinhos e os papelões. Ela conta com muita tristeza esse episódio e ressalta: “só queríamos trabalhar, ter o nosso sustento”.

Foi após esse episódio e com o auxílio da Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte que os catadores começaram a se organizar, sendo que, de início, passaram a separar o lixo debaixo dos viadutos e na Praça Sete⁶.

Em 1990, os catadores, juntamente com a Pastoral de Rua, tiveram a ideia de criar a ASMARE. Dona G. conta que eram muitos catadores na época, mas apenas 20 acreditaram na ideia da associação, sendo que ela se encontrava entre eles. Considera que as mudanças que ocorreram na sua visão de mundo e até mesmo na sua forma de encarar a maternidade decorreram dessa nova experiência, o que ficou ainda mais visível quando a convidaram para ser presidente da ASMARE. Foi nesse momento que conseguiu parar de beber e fumar, pois não via mais sentido em fazer uso dessas substâncias, já que havia se tornado responsável por tantas pessoas, sendo algumas delas também dependentes químicas.

Após muitos anos nas ruas, sendo marginalizada, excluída, sofrendo preconceito, passando todo tipo de necessidade, sem saber explicar o que fazia ou de que forma poderia definir seu papel na sociedade, a entrada para a associação provocou uma verdadeira transformação na sua vida. Ela passou a ver mais sentido no trabalho que realizava, no fato de ser catadora de papel, sentindo-se aceita e se considerando como uma verdadeira “cidadã”, termo que aparece frequentemente no seu discurso. Após anos de trabalho nas ruas, finalmente se sentiu feliz por ter compreendido que, por meio da associação, presta um serviço a si mesma, mas, sobretudo, à sociedade.

Ao perceber, enfim, o real sentido do seu trabalho, Dona G. melhorou sua autoestima, passando a se ver de forma mais positiva. Ademais, a reciclagem, agora organizada em uma associação, recuperou e renovou suas esperanças, assim como as de muitas pessoas.

A vulnerabilidade social à qual esteve exposta durante anos já faz parte do passado e, atualmente, ela reside em uma casa própria, situada no bairro Céu Azul, em Belo Horizonte. Seu trabalho é reconhecido nacional e internacionalmente, tendo sido

⁶ Marco zero do Hipercentro de Belo Horizonte, a Praça Sete está no cruzamento das principais avenidas da cidade – Afonso Pena e Amazonas.

premiada pela Ford Foundation e pela Fundação Getúlio Vargas. No ano de 1999, ganhou um prêmio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e foi eleita como uma das cinco mulheres do ano pela revista *Cláudia*, no ano de 2009. Teve sua história reconhecida, assim como seu trabalho, quando foi convidada da ONU para falar sobre a experiência do catador, no ano de 1999.

Para Dona G., seu trabalho na associação não só lhe proporcionou um meio de sobrevivência, mas lhe conferiu algo que ela nunca teve: a cidadania. Ou seja, permitiu que fossem reconhecidos seus direitos e lhe proporcionou o respeito, o reconhecimento e a aceitação por parte da sociedade. Segundo ela, por meio dele, sentiu-se verdadeiramente humana, digna, valorizada e reconhecida. Apesar de saber que trabalhar com materiais recicláveis ainda é visto por muitos com preconceito, sente que a atividade que realiza exerce um papel essencial em sua vida, conferindo-lhe identidade, direitos e a possibilidade de viver dignamente. Ela chega a reconhecer que a ASMARE a resgatou da morte, dizendo que se não fosse por seu intermédio, seria impossível ser a pessoa que é agora.

Assim, embora saiba que boa parte da sociedade ainda vê seu trabalho como degradante, Dona G. o percebe como importante para si mesma, além de ser fundamental para o meio ambiente.

Atualmente, apesar de continuar na administração da ASMARE, ocupando o cargo de vice-presidente, ela se sente tão realizada com seu trabalho que ainda continua a fazer a triagem de material e, mesmo aposentada, permanece na associação, por amor ao trabalho e aos colegas, conforme se expressou. Afirma ainda que, devido à natureza da atividade, é impossível manter o local limpo e organizado, mas, embora tudo pareça “desorganizado e cheio de lixo”, trata-se de “renda e de trabalho”.

Atualmente, sua rotina consiste em chegar à ASMARE por volta das 9 horas da manhã, realizar suas atividades administrativas, em seguida, auxiliar na triagem de material, fazer suas refeições na própria associação e retornar à sua casa, por volta das 17 horas.

Ao contar sua história pessoal, não se aprofunda em detalhes a respeito da sua vida anterior à ASMARE, dando a entender que “nasceu” no momento em que a associação foi criada. Um aspecto importante é que o trabalho só adquiriu sentido para ela naquele momento, pois, embora muitos não reconhecessem efetivamente sua importância, outros passaram a valorizá-lo. Por meio da catação de material reciclável junto à associação, finalmente, conseguiu se ver como alguém que possui um valor social. É por isso que costuma frisar que não trabalha com lixo, e sim com material reciclável, que, para ela, tem sentido de vida, cidadania, dignidade, respeito e autoestima. O lixo, para ela, nunca foi lixo, no sentido de algo inútil. Sempre foi vida, trabalho e renda.

Para Vygotski (1991), sentido refere-se à soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência por meio da palavra, sendo sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, em que há zonas de estabilidade diferentes para cada indivíduo. A gênese de sua produção se encontra na experiência individual de cada um, partindo das experiências concretas e singulares (GONZÁLEZ REY, 2004).

Quanto ao sentido do trabalho, sabemos que o indivíduo não age apenas sobre o seu meio, mas também sobre si mesmo, uma vez que trabalhar não é mera reação, mas uma espécie de filtro subjetivo que proporciona um sentido para a vida do sujeito. Portanto, o sentido do trabalho é aquilo que se dá entre a atividade e a subjetividade do indivíduo, sendo na sua realização que os homens imprimem sentidos ao mundo, apropriando-se dos modos de fazer e dos significados expressos nas relações sociais nas quais estes se desenvolvem (CLOT, 2006).

Sobre isso, vimos no relato de Dona G. como ela avalia seu trabalho, dizendo que este não só lhe proporcionou um meio de sobrevivência, mas resgatou sua cidadania, humanidade e dignidade. Fica evidente que, por meio da sua atividade na associação, ela desenvolveu seu poder de agir (CLOT, 2010).

Sinto muito orgulho do meu trabalho, sabe? [...] sinto que sou cidadã [...] me deu um novo sentido para a vida, né? ASMARE foi tudo para mim! Tudo tudo... é cidadania, autoestima. Se não tivesse a ASMARE, eu já tinha morrido, eu ia morrer mesmo de cirrose, né? Que eu bebia muito e, por causa disso, eu já fui muito discriminada. Você sem trabalho, sem moradia,

você não é cidadã. [...] Sim, meu trabalho tem muita importância pra mim e pro meio ambiente. Cinquenta quilos de papel é menos uma árvore cortada, né? [...] Porque não trabalho com lixo, trabalho como material reciclável.

Portanto, para conhecer o sentido que os trabalhadores atribuem às atividades que realizam, é preciso considerar, em primeiro lugar, a relação que mantêm com elas. Só assim conseguiremos entender como Dona G. consegue perceber sua atividade de forma tão positiva, enquanto boa parte da sociedade a vê como degradante.

É o continente escondido no interior da atividade que cria sentido para ela, levando-a a percebê-la como benéfica à sociedade e ao meio ambiente, o que é bem diferente de lidar com dejetos inúteis.

[...] muita gente discriminava a gente, nunca pegou na minha mão, acha que aqui não é trabalho. É sim [...] E nós estamos aqui com 250 a 300 toneladas de material/mês e é muita coisa que nós “tira” do meio ambiente, né? E eles não “vê” isso. Olha... “cê” não vê mais a garrafa pet entupindo o bueiro porque a gente cata, né? A Lagoa da Pampulha, quando chovia, eu me lembro, ficava boiando uns pets em cima dela. Hoje, não boia mais. Por que? Nós “cata”. Nosso trabalho é muito importante, não é lixo, é material reaproveitável. [...] quando vem alguém aqui, eu falo: “oh, ‘tá’ preparado pra poder ver que isso aqui não é lixo?” Isso aqui é trabalho, é renda nossa e sempre foi, né? Não é lixo.

Por meio do seu depoimento, fica fácil entender a relação entre a ação do sujeito no mundo e seu processo de autoconstrução, permitindo a (re)descoberta da sua própria essência e o desenvolvimento de suas potencialidades (VIEIRA; BARROS; LIMA, 2007).

Tenho muita autoestima hoje. Antes, não tinha, eu não era cidadã [...]. [Hoje] sei quem sou, sou cidadã. “Ocê” sem trabalho não é cidadão [...]. Aprendi, descobri o outro também, né? Quem é o outro? [...] Porque muita gente discriminava [...]. Eu não sabia nem quem era eu “mesmo”. Eu só sabia correr de polícia e beber dois litros de pinga por dia... Não sabia de nada... eu estava no mundo... eu estava vivendo no mundo, mas não sabia que mundo é esse... Depois da ASMARE, hoje, eu sei que mundo é esse! Quem eu sou, quem é o outro [...]. Sim, por causa do meu trabalho [...].

Clot (2006, p.78) considera que o trabalho como atividade simbólica e genérica é a “atividade mais humana que existe”, sendo fundamental na construção do valor que o indivíduo atribui a si mesmo e ao outro. Ele possui dupla significação, sendo inseparavelmente o trabalho sobre si e aquele realizado no mundo dos outros e das coisas. É, ao mesmo tempo, atividade coletiva e procedimento psíquico.

Nessa perspectiva, o trabalho é a capacidade de “estabelecer engajamentos”, podendo perder o sentido quando não permite a realização das “metas vitais e dos valores que o sujeito extrai dos diferentes domínios da vida”, pois é também um meio de “invenção dessas vidas” (CLOT, 2006, p. 14). Nesse sentido, ele cumpre sua função psicológica pelo “patrimônio que fixa” e pela “conservação e renovação desse patrimônio”. Trata-se de uma função vital, envolvendo atividade de conservação e de transmissão, de invenção e de renovação. O indivíduo, por sua vez, se percebe, por meio de sua atividade, “no interior da divisão de trabalho simultaneamente como sujeito e como objeto dessa conservação e invenção” (CLOT, 2006, p. 80).

De acordo com Bosi (2008), as trajetórias ocupacionais dos catadores são marcadas pela precariedade, sendo que boa parte deles nasceu no campo e seu aprendizado para o trabalho consistiu nos afazeres da agricultura, suinocultura e pecuária. Ao migrarem para as grandes cidades, acabam desempenhando ocupações que não exigem qualificação profissional, passando, frequentemente, a viver uma vida de miséria, abandono, realizando trabalhos marginais e sendo vistos com desdém pela sociedade. Apesar de tudo, buscam uma forma de inserção social por meio do trabalho que seja relevante para a sociedade e para o meio ambiente (KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009).

Foi isso que vimos no caso estudado, sendo que Dona G. construiu um sentido próprio para a atividade que desenvolve. Ficou clara a importância do trabalho da Pastoral de Rua, em conjunto com a ASMARE, para o resgate da sua autoestima. Contudo, sabemos que esse resgate só ocorreu efetivamente graças à sua participação ativa em todo o processo.

Para entendermos o trabalho, seu sentido e suas repercussões na subjetividade, é preciso colocar no centro da discussão o saber dos trabalhadores, pois somente por meio dele teremos acesso à sua experiência. Foi por esse motivo que tentamos resgatar aqui a trajetória da Dona G., a partir do seu próprio ponto de vista, buscando entender também como ela participou na construção da história da sua categoria.

Mas o que ficou evidente, acima de tudo, é que a relação entre trabalho e subjetividade não é centrada exclusivamente na luta contra o sofrimento, pois o trabalho pode ser percebido também como fonte permanente de recriação e de novas formas de viver.

Vimos que Dona G. conseguiu se construir por meio da sua atividade, passando a não se ver mais como mera catadora, mas sim como agente ambiental. Com o passar dos anos, sobretudo a partir da criação da ASMARE, seu trabalho tornou-se uma fonte inesgotável de renovação e enriquecimento da sua subjetividade.

Dessa forma, parece claro que, sob certas circunstâncias, até mesmo um trabalho pouco valorizado socialmente, para além da garantia da sobrevivência, oferece sentido à vida, confere identidade, resgata a cidadania, promove reconhecimento, respeito, oportuniza sonhos, favorece a emergência de novas perspectivas e a projeção de um futuro melhor. Enfim, ele torna possível a materialização de projetos inicialmente intangíveis, permitindo aos que o realizam o alcance de uma vida melhor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo, havia na pesquisadora um desconhecimento em relação à vida dos catadores de material reciclável. A sua percepção acerca desses indivíduos era a de que se tratava de pessoas marginalizadas e frustradas com sua vida. Mas os dois estudos realizados, as discussões com a orientadora, o contato com o campo de pesquisa e, principalmente, com os indivíduos pesquisados transformaram sua visão. O processo de pesquisa foi fundamental para a desconstrução do olhar inicial. Estava presente na pesquisadora parte do estigma aqui apresentado, misturado ao medo do desconhecido e às concepções em relação a esse público. A pesquisadora imaginava encontrar pouca hospitalidade, resistência, e todos esses temores caíram por terra no primeiro contato com os pesquisados. A distorção se desfez na acolhida dispensada pelos catadores e nos primeiros minutos de conversa.

Foi impressionante perceber a alegria e satisfação daquelas pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela ASMARE. Na imagem preconcebida, esperava-se encontrar pessoas tristes, amargas, rudes e desagradáveis, não era possível imaginar que daquele lugar, envolvido pelo lixo e pelo descaso, pudesse emergir uma riqueza tão grande, homens e mulheres que possuem histórias de vida especiais. Apesar do passado pesado, marcado por “desastres”, “atropelamentos” e muito sofrimento, estes eram de fato o “lixo da sociedade humana”. Foi possível perceber que deram a volta por cima, refizeram suas vidas e a de suas famílias com base no trabalho, que transforma e humaniza. De fato, muito foi desconstruído nesse trajeto curto de pouco mais de dois anos, aspectos que fazem pensar no futuro a sequência dessas pesquisas provocativas, instigantes, questões que modificaram e fizeram crescer intelectualmente, mas essencialmente enquanto ser humano.

Nesta etapa, retoma-se a pergunta que motivou esta pesquisa: qual é o sentido que os catadores de materiais recicláveis atribuem ao trabalho que realizam? Assim, serão compartilhados os resultados parcialmente mencionados nos parágrafos anteriores nos quais se apontaram indícios de que o trabalho para os catadores

teve, de fato, efeito transformador. Percebe-se que, apesar de um movimento organizado da categoria em Belo Horizonte, o elemento motivador para o ingresso na catação foram a não qualificação profissional e o desemprego. Ou seja, é possível apontar que a catação, que os inclui, é a sobra, uma vez que não teriam habilidades suficientes para executar outras atividades, ainda que precárias, mas que se encontram numa esfera de proteção mais avançada. Portanto, o desemprego é um dos grandes motivadores dessa atividade, que somada à pouca escolaridade empurra-os para essa tarefa.

Sabe-se, com base na literatura utilizada, que o desemprego é elemento funcional na lógica capitalista e, conseqüentemente, ao atingir as camadas mais vulneráveis da sociedade, provoca situações como aumento dos índices de pobreza, baixa perspectiva de vida, risco social e outras conseqüências na vida dos cidadãos.

Os catadores executam uma atividade precária e precarizada que os coloca à margem dos “padrões sociais estabelecidos”. Pode-se observar que estão envolvidos em um misto de inclusão/inserção, no qual a vida e a rotina são permeadas por vulnerabilidade, precariedade e fragilidade. Nesse emaranhado, pode-se afirmar que o grupo pesquisado encontra-se apartado, ou seja, fica, em alguns momentos, impossibilitado de acessar bens e direitos, fruto do preconceito e do estigma social. Nada disso, no entanto, os impede de se apropriar dos aspectos positivos da atividade.

O que se deseja destacar, portanto, é que esses trabalhadores constroem sua história numa sociedade marcada por conflitos e contradições, conseguem criar uma situação de forma tão especial que, mesmo em meio às “sobras”, se estruturam de forma a atender às suas necessidades. Isso possibilita perceber que o real valor está no trabalho quando este pode ser realizado de forma autônoma e com dignidade. O trabalho é referência significativa e expressiva que interferiu e colaborou para a construção da identidade desses homens e dessas mulheres. Pelo trabalho, foram incluídos. Dessa forma, cabe afirmar que, para uns, o trabalho com a catação se configurou como um processo de autoconstrução e, para outros, como uma reconstrução. Assim sendo, a atividade lhes permitiu encontrar um sentido para a sua vida.

No que tange à centralidade do trabalho, foi perceptível que eles conferem a essa categoria um fator de estabilidade de vida, confiança, projeção e garantia de futuro, elementos que os motivam a viver e os impulsionam a prosseguir. Na ASMARE, criaram um sentimento de responsabilidade social, cuidado com a natureza e com a cidade em que residem.

Para compreender o trabalho, seu sentido e suas repercussões na subjetividade, foi importante colocar no centro da discussão o saber dos trabalhadores, pois somente por meio dele tivemos acesso à sua experiência. Destacou-se, acima de tudo, que a relação entre trabalho e subjetividade não é permeada exclusivamente pela luta contra o sofrimento, uma vez que se percebeu o trabalho também como fonte permanente de recriação e de novas formas de viver. Foi possível notar que o trabalho tem para eles uma função psicológica relevante, pois lhes confere dignidade, aflora o sentimento de utilidade, promove a interação entre os membros do grupo e entre eles e a sociedade em geral. Os sujeitos demonstraram um sentimento de orgulho diante da tarefa que executam.

No quesito trabalho e identidade, observou-se que a sobrevivência de cada um deles e de suas famílias está diretamente ligada à realização do trabalho na catação. Estar na ASMARE é para eles elemento de humanização e também de conquista da cidadania, conseguem criar laços de amizade, são pessoas alegres, com pensamentos positivos, e sempre agradecem pela oportunidade que receberam. Ainda assim, afirmam que há certo grau de distanciamento entre os catadores e a sociedade, em virtude do estigma criado em torno da catação.

Um elemento importante no processo de construção da identidade do grupo pesquisado é que eles têm clareza da relevância do seu papel e da associação de catadores nesse processo. Percebeu-se na pesquisa que os catadores constroem um sentido próprio para a atividade que desenvolvem. Ficou demonstrada a importância do trabalho e o papel da ASMARE enquanto instituição que acolhe, oportuniza e valoriza os seus associados, pois cada um, em sua singularidade, colabora para a promoção do resgate da autoestima do outro.

Os catadores afirmam que a atividade que exercem é pesada, sabem que exige muito esforço físico, possuem uma jornada de trabalho intensa, insalubre e, em muitos momentos, o equipamento de proteção individual é utilizado de forma inadequada, mas nada disso impede que vejam seus aspectos positivos.

Percebeu-se que todos os entrevistados conseguiram se reconstruir a partir da sua atividade, passando a não se ver mais como meros catadores, mas sim como agentes ambientais, responsáveis pelo cuidado, pela preservação da natureza e das vidas futuras. Com o passar dos anos, sobretudo a partir da criação da ASMARE, seu trabalho tornou-se uma fonte inesgotável de renovação e enriquecimento da sua subjetividade. Dessa forma, pareceu claro que, sob certas circunstâncias, até mesmo um trabalho pouco valorizado socialmente, para além da garantia da sobrevivência, pode oferecer sentido à vida, conferir identidade, resgatar a cidadania, promover reconhecimento, respeito, oportunizar sonhos, favorecer a emergência de novas perspectivas e projetar um futuro melhor. Enfim, o trabalho de catação tornou possível a materialização de projetos inicialmente intangíveis, permitindo aos que o realizam o alcance de uma vida melhor.

Entendeu-se também que os resultados compartilhados neste estudo não podem ser generalizados para todos os catadores de material reciclável, uma vez que cada indivíduo tem a sua história de vida, carrega consigo realidades distintas e atribui sentidos particulares ao seu trabalho. A discussão aqui apresentada não teve a pretensão de esgotar o assunto, deixando aberta a possibilidade de novas pesquisas e uma agenda para repensar as políticas públicas especialmente em torno dessa categoria de trabalhadores em Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1999.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. reimp. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.
- ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2007.
- ARAÚJO, R. M. L. **A respeito da centralidade do trabalho**, 2010, Disponível em:< <http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>. >. Acesso em 01 abr. 2017
- ASMARE, Associação de Catadores de Papel Papelão e Material Reaproveitável. **Relatório de ações de inclusão produtiva centro de apoio ao trabalhador da ASMARE**, jan./set. 2013.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, V. A. *et. al.* Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. In: GOULART, Í. B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho:** teoria pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BASTOS, V. P. **Catador:** Profissão: um estudo do processo de construção identitária do catador de lixo ao profissional catador. Jardim Gamacho de 1996 aos dias atuais. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BRASIL. CBO nº5192. **Descrição da atividade do catador segundo o Ministério do Trabalho e Emprego**. Brasília, DF., 2002.
- CALDAS, M. P.; WOOD JÚNIOR, T. Identidade organizacional. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.37, n. 1, p.6-17, jan./mar., 1997.
- CARRIERI, A. P.; PAULA, A. P.; DAVEL, E. Identidade nas Organizações: múltiplas, Fluidas Autônomas. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 127-144, abr./jun. 2008.
- CAVAZOTTE, F. S. C. N.; LEMOS, A. H. C.; VIANA, M. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, 162-180 p. mar. 2012.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Vozes. 2006.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, v.19 (número especial), p. 29-37, 2007.

DIAS, S. M. Lixo e Cidadania: os impactos da política de resíduos sólidos de Belo Horizonte no mundo do trabalho do catador da ASMARE. **Anais...** Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 13, p. 1-25, 2002. Disponível em:<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_ST37_Dias_texto.pdf>. Acesso em:10 mar. 2017.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. Da escravidão à servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 68-128, nov. 2015.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 1997.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 689-686, maio/jun. 2001.

FREITAS, M. V. O. **Entre Ruas, Lembranças e Palavras**. A trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, P. **Os catadores de Resíduos Sólidos no Brasil**. 2004. Disponível em:< <http://www.lixo.com.br>>. Acesso em: 02 mar. 2017

GONÇALVES, R. S. Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. **Serviço Social e Sociedade**, v 82, Ano 26, p. 86-109, jul. 2005.

GUARESCHI, N. M.F., BRUSCHI, M. E (eds.). **Psicologia Social nos estudos culturais**: Perspectivas e desafios para uma nova Psicologia Social. Petrópolis: Vozes. 2003.

HALL. S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, 9. ed. São Paulo, SP: Loyola. 2005.

HARVEY, D. **Para Entender o capital – Livro I**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

HUGUES, E. Le drame social du travail Actes de la recherche en sciences sociales **Les nouvelles formes de domination dans le travail**, v. 2, n.115, p. 94-99, 1996.

JACOBI, P. R.; TEIXEIRA, M. A. C. Criação do capital social: o caso ASMARE – Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 2, p. 1-51, jun. 1997.

JUNCÁ, D. C. M. Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo. (Tese de doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

KALLEBERG, A. L. Crescimento do Trabalho Precário: um Desafio Global. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 69, 2009, p. 21-30.

KIRCHNER, R.M.; SAIDELLES, A.N.P.F.; STUMM, E.M.F. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Rev Bras Gest Desenv Reg.** v. 5, n. 3, p. 221-32, 2009.

LEITE, J. V.; FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. Mudando a gestão da qualidade de vida no trabalho. **Revista. Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 9, n. 2, dez. 2009.

LESSA, S. **Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo**. São Paulo: Cortez: 2007.

LIMA JÚNIOR, J. H.; CASTANHA, A. L. B. O trabalhador médico: prazer e dor como ofício. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

LIMA, J. C.; SOARES, M. J. Trabalho flexível e informalidade. **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 163-80, jul/dez, 2002.

LIMA, M. E. A. A polêmica em torno da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Revista Destarte**, Vitória, v. 2, n. 2, 2003.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas/SP: Átomo, 2003.

MARX, K. **Capítulo VI Inédito de O Capital**. Resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Editora Moraes, 1985.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: livro I**; São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo, Nova Cultural, 1988. (Os Economistas).

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**,

v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/8>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MONGIN, O. In: Boisard, P. *et al.* **Le travail – quelle avenir?** Éditions Gallimard: Paris. 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

OLIVEIRA, A. R. **ASMARE:** revendo valores e forjando uma nova gestão em contexto de crise. 2017. 122 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, M. C. *et al.* Valores de trabalho de catadores de materiais recicláveis: expectativas com o trabalho cooperado. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 122, p. 201-220, 2012.

ORÇO, C. L.; CONRADO, L. S.; IOP, E. Perspectiva sobre o sentido do trabalho para catadores de material reciclável em duas associações na cidade de xanxerê. **Unoesc & Ciência-ACHS**, v. 7, n. 2, p. 209-218, 2016.

ORGANISTA, J. H. C. **O debate sobre a centralidade no trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ORGANISTA, J. H. C. Rabalho Criativo ou (des) Emprego Involuntário: informalidade na sociedade contemporânea. **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, n.3, 2009.

PIALARISSI, R. Precarização do trabalho. **Revista de Administração em Saúde**, v. 17, n. 66, 2017. Disponível em: <<http://cqh.org.br/ojs-2.4.8/index.php/ras/article/view/11>>. Acesso em 10 abr. 2017.

PORTO, M. F. S. *et al.* **Lixo, trabalho e saúde:** um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil, 2004.

RUY, J. C. O operário faz a coisa e a coisa faz o operário. **Revista Princípios**. São Paulo, v. 43, nov./dez., 1997.

SÁ, T. **Precariedade e trabalho precário:** consequências sociais da precarização laboral. Configurações. Lisboa, 2010.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. Há dignidade no trabalho com o lixo?: considerações sobre o olhar do trabalhador. **Rev. Mal-Estar Subj.** Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 689-716, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, n. 46, 2012.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo, 5. ed. São Paulo: Record. 2001.

SILVA, K. A, T. O lixo pode ser mais que lixo": o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis. **Anais... ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

SINGER, P. Desemprego e exclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 10, n. 1, 1996.

STOLZ, P. V. **A compreensão dos separadores de resíduos sólidos, em relação ao seu trabalho, saúde e ambiente**. 2008. 247f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.. Disponível em:<
<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2258/Pablo%20Viana%20Stolz.pdf?sequence=>>. Acesso em 15 mar. 2017.

TONELLI, M. J. Organizações, relações familiares e amorosas. In: DAVEL; VERGARA (eds.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas. 200, p. 243-261

VARGAS, F. B. Trabalho, Emprego, Precariedade: dimensões conceituais em debate. **Caderno CRH (Online)**, v. 29, n.77, p. 313-331, maio/ago. 2016.

VELOSO, L. **Empresas, identidades e processos de identificação**. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VIEIRA, C. E. C.; BARROS, V. A.; LIMA, F. P. A. Uma abordagem da Psicologia do Trabalho, na presença do trabalho. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 155-168, jun. 2007.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II: Problemas de Psicología General**. Madrid: Visor Distribuciones, 1991.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 6. ed., Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZANETI, I. C. B. B. **As Sobras da modernidade**: O sistema de gestão de resíduos sólidos em Porto Alegre, RS. Porto Alegre: Famurs.2006.